

UNIAGES
ÂNIMA EDUCAÇÃO
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

TAUANE ANDRADE DE SANTANA

**Psicologia Evolucionista: Apresentando sua arte
e potencialidades no fazer da psicologia.**

Paripiranga
2022

TAUANE ANDRADE DE SANTANA

**Psicologia Evolucionista: Apresentando sua arte
e potencialidades no fazer da psicologia.**

Monografia apresentada como exigência
parcial para obtenção do título de bacharel
em Psicologia a comissão Julgadora,
designada pelo colegiado do curso de
Graduação do centro Universitário AGES

Orientadora: Profa. Msc. Catiele dos Reis
Santos

.

Paripiranga
2022

TAUANE ANDRADE DE SANTANA

Psicologia Evolucionista: Apresentando sua arte e potencialidades no fazer da psicologia.

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia, à Comissão Julgadora designada pelo colegiado do Curso de Graduação do Centro Universitário AGES.

Paripiranga, ____, de dezembro, de 2022

BANCA EXAMINADORA

Profs. Ms. Catiele dos Reis Santos

Profs. Ms. Baruc Correia Fontes

RESUMO

O presente trabalho tem como principal objetivo apresentar a perspectiva da psicologia evolucionista, trazendo as áreas do conhecimento antecedentes a essa, algumas de suas principais contribuições enquanto uma abordagem da psicologia e sua literatura em produções brasileiras escritas em português. Observa-se que a psicologia evolucionista tem seus primórdios na obra de Charles Darwin, quase dois séculos atrás no qual já se percebia a necessidade de investigar a psicologia humana através da perspectiva evolucionista. Com a retomada de seus estudos por volta do final dos anos 70 e nas duas décadas posteriores, se solidificou como uma disciplina dentro da psicologia, na qual suas principais contribuições tanto nas primeiras obras publicadas por psicólogos evolucionistas, quanto por estudiosos brasileiros estão relacionadas a entender a filogênese, a ontogênese da cognição humana, o comportamento, o desenvolvimento humano, a sexualidade, a psicopatologia e etc.

Palavras-chaves: Psicologia Evolucionista, Antecedentes; Contribuições.

ABSTRACT

Com a retomada de seus estudos por volta do final dos anos 70 e nas duas décadas posteriores, se solidificou como uma disciplina dentro da psicologia, na qual suas principais contribuições tanto nas primeiras obras publicadas por psicólogos evolucionistas, quanto por estudiosos brasileiros estão relacionadas a entender a filogênese e ontogênese da Cognição humana, Comportamento, Desenvolvimento humano, Sexualidade, psicopatologia e etc. This work's main objective is to present the standpoint of evolutionary psychology, bringing the previous areas of knowledge to this, some of its main contributions as an approach to psychology, and its literature in Brazilian output written in Portuguese. It was observed that evolutionist psychology has its beginnings in Charles Darwin's work, almost two centuries ago, in which the necessity to investigate human psychology through the evolutionary perspective was already perceived. With the resumption of its studies around the end of the 1970s and in the following two decades, it solidified itself as a discipline within psychology, in which its main contributions both in the first works published by evolutionary psychologists and by Brazilian scholars are related to understanding the phylogenesis and ontogenesis of human Cognition, Behavior, Human Development, Sexuality, psychopathology and so on.

Keywords: Evolutionist Psychology, Background information; Contributions.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. METODOLOGIA	12
3. Capítulo 1- A história da Psicologia Evolucionista	14
3.1. A PSICOLOGIA EVOLUCIONISTA DE CHARLES DARWIN.....	14
3.2. 3.2 O ESTUDO DA PSICOLOGIA EVOLUCIONISTA E O SURGIMENTO DE DIVERSAS ÁREAS	16
3.3. A PSICOLOGIA EVOLUCIONISTA ENQUANTO UMA CIÊNCIA PSICOLÓGICA	18
4. Capítulo 2- A psicologia Evolucionista e suas principais contribuições	23
4.1. 4.1 COGNIÇÃO E LINGUAGEM.....	23
4.2. 4.2 SELEÇÃO SEXUAL E REPRODUÇÃO	29
4.3. 4.3 INVESTIMENTO PARENTAL.....	34
4.4. 4.4 DESENVOLVIMENTO HUMANO	37
5. CAPÍTULO 3 - REVISÃO DE LITERATURA.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	59

1. INTRODUÇÃO

A psicologia é uma ciência marcada pela existência de variadas correntes teóricas, pela criação do primeiro laboratório de psicofisiologia pelo alemão Wilhem Wundt que tinha a preocupação em estudar de maneira mensurável e observável alguns processos psicológicos; no século XIX, o condecorado “pai da psicologia” acabou influenciando o desenvolvimento das primeiras três correntes de Psicologia Científica, denominadas de Funcionalismo, Estruturalismo e Associacionismo, as quais posteriormente, deram espaço para a consolidação das três maiores escolas de psicologia do século XX, sendo elas a Psicanálise, o Behaviorismo e a Gestalt (BOCK, 2001).

Porém, percebe-se que existiram certas lacunas teóricas entre essas grandes escolas, que foram encontradas por outras áreas de conhecimento como a genética, a neurociência e etc., durante a década de 80, que podem ser expressas na seguinte necessidade: o que a evolução da espécie pode contar acerca dos mecanismos cerebrais e do modo de se comportar? Qual a influência de longos períodos de adaptação e seleção natural na cognição e nos comportamentos? (YAMAMOTO, 2018).

Outra lacuna que perdura, não só nas grandes escolas da psicologia, mas também nas outras disciplinas, é a utilização de espaços de tempo muito curtos, na compreensão da relação entre o homem e o ambiente, o que é sugerido pela PE (Psicologia Evolucionista), nos conceitos de causas próximas e distais do processo de adaptação (YAMAMOTO, 2018). Com isso, tradicionalmente na psicologia, são traçadas análises acerca dessa interação, utilizando marcos temporais muito curtos, em comparação ao tempo aproximado de existência da espécie humana, e seus ancestrais (HARARI, 2008), elemento que tem se mostrado crucial no entendimento do funcionamento de diversos mecanismos cognitivos e linguísticos, sexualidade, relações parentais e no âmbito de estudos das psicopatologias.

Durante longos períodos da história, diversas áreas do conhecimento se debruçaram por compreender e estudar qual a influência do processo adaptativo primitivo nos comportamentos e funcionamento mental do Homo Sapiens

(HARARI, 2008). Estudos que se desenvolveram durante o século XX, em áreas como a Biologia Evolucionista, a Etologia e a Sociobiologia, já buscavam entender o elo entre evolução e comportamento, porém tendo em vista o período de grande tensão entre as duas grandes guerras mundiais, no qual a deturpação do conhecimento científico serviu de base para cometer violações contra a integridade humana de diversas nações, o que ocasionou um receio científico em correlacionar aspectos comportamentais e relacionais com aspectos orgânicos, culminando na composição de duas áreas do conhecimento com seus respectivos objetos de estudo, sendo elas as ciências humanas e as ciências naturais (YAMAMOTO, 2018).

Com a surgimento e desenvolvimento das Ciências Cognitivas durante a década de 60 e a revolução da biologia evolucionista na década de 70, a Psicologia Evolucionista concedeu um grande avanço no entendimento dos processos mentais humanos e incrementou às suas teorias a hipótese Cognitivista do cérebro como um grande aparelho de programações mentais, semelhante aos modelos de computação (FERREIRA; POLIPPO; WAGNER; 2016). Sendo que, a grande diferença entre o Cognitivismo e a PE está na explicação das estruturas mentais, visto que para a PE, as programações cerebrais são resultado de longos períodos de adaptação, nos quais suas funções complexas foram desenhadas a partir das dificuldades de adaptação dos caçadores coletores da era do pleistoceno, era que indica a última alteração cerebral dos Homo Sapiens (HARARI, 2008).

Contudo, o final da década de 80, cientistas de diversas disciplinas e áreas de conhecimento distintas, como biotecnologia, genética, neurociência, tecnologias de informação, antropologia e etc. começam a sentir necessidade de entender aspectos primitivos e evolutivos do cérebro e comportamento humano, no que mais tarde seria definido de “entendimento de mecanismos psicológicos durante o processo adaptativo”, que culminaram no nascimento de uma nova disciplina psicológica, denominada de psicologia evolucionista (YAMAMOTO, 2018). Seus estudos levantam novamente a importância de retomar mais uma vez a interdisciplinaridade entre as ciências humanas e as ciências naturais.

A psicologia evolucionista consiste em uma abordagem dentro das ciências comportamentais, que compreende o funcionamento da mente humana, através de mecanismos universais oriundos do período em que aquela se desenvolveu. Sendo assim, uma série de comportamentos e funcionamentos cerebrais não seriam meras aprendizagens ambientais, mas um complexo de estruturas neurais, comportamentais e genéticas, herdadas durante a evolução da espécie humana e com isso, torna-se importante para esse campo do conhecimento debruçar-se acerca de características filogenéticas e ontogenéticas (SAMPAIO, OTTONI e BENVENUTTI, 2015).

Aspectos relacionados à evolução da linguagem e da cognição humana, que se relacionam diretamente com o status, atua do homo sapiens a cadeia alimentar, bem como da sexualidade humana em seus aspectos mais amplos, como os sistemas de reprodução existentes e seus arranjos e sua relação com o cuidado parental, afetividade e desenvolvimento humano, abre possibilidades para o entendimento ancestral de dinâmicas que até hoje perpassam a mente e o comportamento humano (HARARI, 2008).

No Brasil, as publicações dos primeiros artigos de Psicologia Evolucionista (PE) são datados de 2001, o que faz dela uma abordagem muito precoce em comparação a outras e denota também uma falta de propagação dessa perspectiva em cursos de graduação e pós-graduação que estimulem o desenvolvimento de pesquisas (FERREIRA, POLIPPO e WAGNER, 2016). A esfera das psicopatologias por exemplo, aparece como uma temática que ainda carece de muitas pesquisas, tendo em vista alguns paradoxos e a produção de PE voltada para a intervenção clínica em psicologia, que perpassa em significativa parte das intervenções, no diagnóstico ou tratamento de algum transtorno mental (FERREIRA, POLIPPO e WAGNER, 2016).

Por ser uma disciplina muito recente, existe ainda pouco material teórico publicado, principalmente a nível nacional. É partindo disso que é lançada a proposta de composição desse trabalho acadêmico, que tem como principal objetivo apresentar e dialogar a respeito da perspectiva da psicologia evolutiva, discutindo seus aspectos históricos e principais áreas de estudo no âmbito das ciências psicológicas, bem como realizar uma revisão bibliográfica de literatura

a nível brasileiro apontando suas contribuições para a psicologia até o momento da escrita desse texto.

2. METODOLOGIA

A monografia em questão foi realizada a partir do método de pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, levando em consideração que a principal proposta desse trabalho acadêmico é a de apresentar a perspectiva da psicologia evolucionista com foco em seu contexto histórico, em algumas de suas contribuições e realizar um levantamento bibliográfico da produção de artigos científicos relacionados a temática.

O primeiro capítulo apresenta o contexto histórico que antecedeu o desenvolvimento da abordagem evolucionista dentro da psicologia. O critério para a seleção dos referenciais bibliográficos foram as obras de áreas do conhecimento e disciplinas que antecederam a PE e tiveram relação com o seu desenvolvimento. O material selecionado foram os trabalhos das matérias antecedentes da psicologia evolucionista.

Para a construção do capítulo 2 foram selecionados alguns tópicos de discussão dentro da Psicologia Evolucionista, com o intuito de apresentar algumas contribuições da PE. A escolha dos trabalhos priorizou obras que tinham pelo menos um de seus autores com formação em psicologia, fazendo o percurso até o ano em que as primeiras produções e pesquisadores começaram a introduzir a temática no Brasil.

Com isso, o capítulo 3 consiste em uma revisão bibliográfica realizada na plataforma Scielo Brasil, com a palavra-chave “Psicologia Evolucionista”, no qual foram encontrados 42 trabalhos. Após esse procedimento, foram selecionados apenas os trabalhos que apresentavam escrita em português, língua oficial do Brasil, restando 38 trabalhos. Dos quais, foram eliminados alguns desses, por não estarem diretamente relacionados a psicologia evolucionista e sim a outras abordagens e explicações. Com isso, restaram 31 trabalhos relacionados com a temática que foram revisados.

Vale salientar que essa monografia não apresenta toda a produção de literatura acerca do tema no Brasil, visto que, outros tipos de trabalhos que não sejam artigos científicos e que estão presentes em outras plataformas não foram

considerados. Porém, apresenta de alguma forma a contribuição literária da abordagem em nível brasileiro.

3. Capítulo 1- A história da Psicologia Evolucionista

3.1. A PSICOLOGIA EVOLUCIONISTA DE CHARLES DARWIN

O pontapé inicial nos estudos da teoria da evolução relacionados ao comportamento humano do que mais tarde seria denominado de psicologia evolucionista, pode ser creditado ao próprio Charles Darwin, pela sua obra *The Expression of the Emotions in Man and Animals*. Esta obra é considerada o primeiro livro sobre comportamento animal, nele Darwin aponta características universais para o comportamento e expressão das emoções no homem e nos animais, aplicando a mesma lógica da teoria da evolução para a explicação da expressão das emoções (YAMAMOTO,2018).

Na obra, Darwin analisa a semelhança entre as emoções expressas pelos seres humanos e pelos animais, exemplificando como alguns filhotes de animais expressam algumas emoções como raiva, tristeza, alegria e etc. de forma semelhante a bebês humanos (DARWIN,1915). Com isso, o autor percebe que seria possível traçar um percurso evolutivo da expressão dessas emoções, a partir de uma base ancestral comum de animais humanos e não humanos. (DARWIN, 1915).

Com isso, o autor estabelece três princípios fundamentais universais para a expressão das emoções, sendo esses: o princípio dos hábitos associados úteis, o da antítese e o da ação direta do sistema nervoso. O primeiro, denominado de “princípio dos hábitos associados” é descrito como a capacidade de algumas ações estarem diretamente ou indiretamente relacionadas pelo modo como os animais de maneira geral se sentem. (DARWIN,1915).

Partindo desse pressuposto, toda vez o animal se sente de determinada forma, ele evoca determinados comportamentos, que vão se tornando cada vez mais frequentes, toda vez que aquele estado de espírito é evocado novamente, mesmo que de maneira mais suave (DARWIN,1915). Vale salientar que o autor destaca que algumas ações emitidas pela força do hábito podem ser parcialmente suprimidas pela vontade, porém os músculos menos controlados

pela vontade são os mais propensos a agir, sendo esses denominados de expressões (DARWIN,1915).

Já o segundo princípio denominado de Antítese, Darwin destaca que quando um estado de espírito antagônico é induzido, há uma tendência involuntária para a realização de ações de caráter antagônico, mesmo que esses comportamentos não sejam úteis, além de serem em algumas ocasiões fortemente expressivos, ou seja, parcialmente passíveis de controle voluntário (DARWIN, 1915). O autor apresenta na obra alguns exemplos de situações que cães e gatos, antagonizam significativamente os movimentos do seu corpo, em função do estado emocional que é evocado (DARWIN, 1915).

O terceiro princípio, o autor permitiu denominá-lo de “princípio da ação direta do sistema nervoso”, que constitui em ações que são totalmente independentes da vontade, e em certo grau, do hábito (DARWIN, 1915). Charles faz uma associação entre estimulação sensorial em grande escala e impulso nervoso intenso, delimitando que as ações emitidas irão depender fortemente da conexão entre as células do sistema nervoso e parcialmente do hábito, tendo pouca ou nenhuma participação da vontade (DARWIN,1915).

A partir desses três princípios, foi possível estudar em torno de 40 tipos diferentes de emoções em diferentes culturas, desde as mais globalizadas, até as mais isoladas (DARWIN,1915). A partir disso, o autor conseguiu concluir que existem expressões faciais relacionadas ao modo como os animais se sentem que são universais e relacionou essas a movimentos realizados pela face, que ficaram denominados por ele de expressão (DARWIN,1872). Destacando que as expressões encontradas são compartilhadas entre animais humanos e não humanos, sendo essas ancestralmente funcionais (DARWIN,1915).

Posterior a Darwin, no início da primeira metade do século XX, surgiria a que foi considerada a primeira disciplina que estudaria o comportamento e o funcionamento da mente humana a partir da teoria da evolução, que ficou denominada de Etologia (YAMAMOTO, 2018). Esta pode ser definida como a ciência que se aplica ao comportamento de animal humano e não humano com metodologias utilizadas pela biologia evolucionista, desde as contribuições de Darwin (LORENZ, 1995).

3.2. 3.2 O ESTUDO DA PSICOLOGIA EVOLUCIONISTA E O SURGIMENTO DE DIVERSAS ÁREAS

Ao estudar padrões de movimentos de diferentes gêneros, famílias e espécies, alguns estudiosos observaram que as similaridades e diferenças entre determinados movimentos remetem a uma origem primitiva ancestral comum, com isso, não se poderia atribuir a existência desses mecanismos a outras coisas, se não uma filogenia comportamental descrita em genomas (LORENZ, 1995). Partindo disso, o autor estabelece que a base de estudo da etologia seria os movimentos em animais humanos e não humanos sendo homólogas, ou seja, pertencem a um processo de evolução e seleção natural, análise que se tornou o principal objeto de investigação do estudo comparativo do comportamento da etologia (LORENZ, 1995).

Outro ramo que utilizava como alicerce os fundamentos da biologia evolucionista foi a sociobiologia, por Edward O. Wilson, no ano de 1975, após a publicação da obra *Sociobiology, the new synthesis*, na qual ele trazia a proposta de utilizar a biologia para explicar comportamentos sociais humanos (SOARES, 2020). A obra foi alvo de grande polêmica dentro da comunidade científica e acusada por vários ramos da ciência de ser racista e sexista, devido ao fato da utilização de conceitos Darwinistas e biológicos, ainda que falaciosos para a realização de propostas eugênicas, trazendo à tona novamente discussões acerca dos limites entre as ciências humanas e biológicas (SOARES, 2020).

Outro autor de grande importância e reconhecimento dentro da Sociobiologia e da biologia evolucionista durante a década de 70 é o biólogo Robert Trivers. Sua primeira obra denominada de *The evolution of reciprocal altruism* de 1971, expõe aspectos relacionados a seleção natural do comportamento altruísta, dedicando parte dela a explicação de elementos psicológicos que estão envolvidos no comportamento altruísta humano. Além dessa, outra importante contribuição do autor foi o livro *Parental Investment and sexual selection* de 1972, no qual ele argumenta acerca de estratégias reprodutivas e do cuidado com a prole utilizando um ponto de vista evolutivo, embasado no processo de seleção natural (TRIVERS, 1971).

Apesar das polêmicas, uma das maiores contribuições deixadas pela Sociobiologia, é a de que os seres humanos são animais, regidos por leis naturais, bem como as outras espécies existentes no planeta (SOARES, 2020). Além disso, levantar hipóteses sobre o quanto de base genética e hereditária se relaciona com comportamentos sociais, o quanto o a vida em grupo afeta o processo de seleção natural, bem como de abrir possibilidades para o estudo interdisciplinar de diversas áreas do conhecimento (SOARES, 2020).

Apesar da década de 1970 ter rendido um prêmio Nobel para a área da Etologia, a década é marcada pelo receio em atrelar a biologia evolucionista à compreensão dos comportamentos humanos, é durante essa mesma década que a sociobiologia recebeu muitas críticas (YAMAMOTO, 2018). A autora argumenta que o pós-guerra e o constante medo de que a produção de conhecimento fosse utilizada para cometer novas atrocidades, possibilitaram com que muitos estudiosos não se dedicassem a entender comportamentos humanos à luz das ciências naturalistas (YAMAMOTO, 2018).

Ainda no final da década de 70, foi lançado um importante livro que carregaria um pioneirismo particular dentro da psicologia evolucionista, sendo intitulado de *The Evolution of Human Sexuality* do Antropólogo Donald Symons, que dá largada para os estudos sobre sexualidade humana, apontando que homens e mulheres possuem uma natureza sexual distinta, sendo que essas diferenças pautadas na longa história adaptativa dos caçadores coletores, na qual essas diferenças foram se desenhando a partir dos objetivos reprodutivos de passar à frente os genes da espécie. (SYMONS, 1979)

A Psicologia Evolucionista resgata duas importantes revoluções oriundas do início da segunda metade do século XX, sendo essas a revolução Cognitivista, responsável por explicar o processo de pensamento e emoção, difundido nos ramos da informática e computação e a revolução da biologia evolucionista. Originando uma nova perspectiva do saber, que une as essas duas importantes correntes, que mais tarde seria denominada de psicologia evolucionista (LOPES; VASCONCELOS, 2008).

No final da década de 50 e início dos anos 60, variadas áreas do conhecimento passaram a utilizar como base o entendimento computacional para o entendimento dos processos mentais humanos, o que culminou no que

alguns cientistas consideram como “Revolução Cognitivista” (VASCONCELLOS; VASCONCELLOS, 2007). Os autores destacam que já no final da década de quarenta, alguns trabalhos de cibernética começariam a projetar a ruptura que ocorreria na década de 50, após um simpósio sobre tecnologia de informação, no qual tinham alguns trabalhos importantes que traziam estudos experimentais sobre o cérebro e as funções cognitivas (VASCONCELLOS; VASCONCELLOS, 2007).

Alguns autores dividem a evolução cognitiva em dois momentos: o primeiro focado a explicar os mecanismos cognitivos responsáveis pelo processamento de informações e num segundo momento relacionando-os a significados culturais, sob influência de outra área do conhecimento emergente na década de 70, denominada de psicologia da cultura (VASCONCELLOS; VASCONCELLOS, 2007). Em suma, pode-se afirmar a contribuição das ciências cognitivistas em uma grande instância traz a capacidade de realizar estudos experimentais que creditam um caráter científico a essas ciências, nas funções cognitivas do cérebro, estudando sua ontologia e fazendo um paralelo com as abordagens computacionais

Foi durante a década de 80 que alguns novos estudos nas áreas de genética, biotecnologia, neurociências e etc. demandaram mais uma vez a necessidade de compreender os componentes evolutivos relacionados a mente humana, que deram luz a matéria que ficaria conhecida como “Psicologia Evolucionista”. Sendo esta difundida entre diversas áreas do conhecimento, não se limitando apenas às ciências psicológicas. (YAMAMOTO, 2018)

3.3. A PSICOLOGIA EVOLUCIONISTA ENQUANTO UMA CIÊNCIA PSICOLÓGICA

A disputa ideológica entre duas grandes escolas da psicologia se relacionam bastante com a entrada tardia da utilização da teoria da evolução para estudar a psicologia humana, a escola Finalista, que creditava o instinto como grande responsável pelas ações dos animais em geral e atribuía a esse

um caráter extranatural (LORENZ,1995), e a escola behaviorista, que mesmo preocupando-se bastante com a cientificidade da psicologia e criticando a escola citada anteriormente por atribuir fatores extranaturais na observação do comportamento humano, creditou apenas à aprendizagem toda a complexidade desse fator. O que nas palavras do autor, não era totalmente falso, mas era absurdo (LORENZ, 1995).

Apesar de alguns autores creditarem a década de 80 como disparadora da publicação de estudos de psicologia evolucionista, alguns estudos já estavam lançados no final da década de 70 por alguns psicólogos que se direcionavam a estudar o comportamento humano pelo viés da evolução, como é o caso do casal de psicólogos: Margo Wilson e Martin Daly, que publicaram no ano de 1978 a obra *Sex, Evolution and behavior*, que foi responsável por creditar ao casal um certo pioneirismo na produção de conhecimento evolucionista partindo de pressupostos de cientistas psicólogos, no qual eles relacionam diversos aspectos de comportamentos relacionados a sexualidade ao ponto de vista evolutivo (DALY; WILSON, 1978).

A década de 1980 rendeu uma quantidade significativa de trabalhos de psicólogos e especialistas em psicologia, a exemplo do artigo *Invariances in the acoustic expression of emotion during speech* de 1983, escrito pela especialista em Psicologia Cognitiva Leda Cosmides (COSMIDES, 1983). Nesse trabalho, a autora apresenta resultados acerca do padrão acústico de expressão de emoções em diferentes indivíduos, no qual sustenta a hipótese de que os indivíduos produzem um padrão acústico de expressão de emoções (COSMIDES, 1983). Com isso, a autora conseguiu argumentar acerca de características invariáveis no comportamento humano, parâmetro que se mostrou crucial nos trabalhos de psicologia evolucionista (COSMIDES, 1983).

Além disso, outro trabalho considerado pioneiro em psicologia evolucionista, foi o *From evolution to behavior: Evolutionary psychology as the missing link* também escrito pela Leda Cosmides, mas aqui com uma participação significativa do seu esposo e Ph.D. em Antropologia Biológica, John Tooby (COSMIDES, L; TOOBY, J; 1987). Publicado em 1987, o trabalho apresenta a psicologia evolucionista como uma proposta de trazer à tona o elo perdido na compreensão do comportamento humano, que na opinião dos

autores seria a compreensão evolucionista de mecanismos inatos do comportamento humano e argumentando acerca de fatores como variação do comportamento manifesto, filogenia do comportamento e etc. (COSMIDES, L; TOOBY, J; 1987).

Ainda na década de 80, outro psicólogo que se destacou com seus estudos voltados para a primatologia foi o inglês Robin Dunbar, lançando duas obras, a primeira denominada de *Reproductive Decisions: An Economic Analysis of Gelada Baboon Social Strategies*, no qual o objeto de estudo do autor são as sociedades de babuínos (DUNBAR, 1984). A segunda denomina de *Demography and Reproduction. In Primate Societies*, na qual ele traçava algumas análises características demográficas e reprodutivas em sociedades pertencentes a família dos *primatas* (DUNBAR, 1987). Esses estudos envolvendo a família dos primatas serviram de base para estudos posteriores, nos quais Dunbar investigaria outros processos, mas a agora com foco na espécie humana. A contribuição de Dunbar ao estudar sociedades de primatas contribuiu bastante para uma premissa básica da psicologia evolucionista: não se pode ignorar a herança primata nos aspectos evolutivos humanos (YAMAMOTO,2018).

Outra contribuição da Sr.^a Cosmides, veio em outra obra intitulada de *The Adapted Mind: Evolutionary Psychology and the Generation of Culture*, em mais uma parceria com John Tooby e Jerome H. Barkow (BARKOW; COSMIDES; TOOBY, 1992). A obra é datada de 1992 e apresenta uma série de argumentos de diversas disciplinas diferentes para uma nova compreensão da natureza humana nas ciências humanas e sociais, partindo de um pressuposto evolutivo, no qual os programas cognitivos de processamento de informações existentes nos seres humanos datam da era do pleistoceno e configurados para resolver questões adaptativas fundamentais naquele período. Sendo passíveis para explicação através de mecanismos típicos da espécie humana e universais a esta. (BARKOW, COSMIDES E TOOBY, 1992)

Em 1995, o psicólogo David Buss publicou o artigo *Psychological sex differences: Origins through sexual selection*, nele o psicólogo argumenta acerca de diferenças psicológicas entre os sexos, sustentando a hipótese de que homens e mulheres passaram por problemas adaptativos distintos, o que

conferiria uma diferença sexual decorrente dessa história evolutiva e adaptativa diferente (BUSS, 1995). Vale salientar que o trabalho sugere uma visão não dicotômica entre aspectos biológicos e sociais, sustentando o elo entre esses dois conceitos a partir do ponto de vista evolucionista, além de destacar as diferenças entre os sexos, em comparação a outras teorias que enfatizavam as semelhanças entre eles (BUSS, 1995).

Em 1996, Buss, em parceria com o cientista social e especialista em violência e conflito Neil Malamuth, escreveu o livro *Sex, Power, Conflict: Evolutionary and Feminist Perspectives*, no qual eles dissertam acerca da dinâmica de seleção de parceiros reprodutivos, bem como das estratégias utilizadas por ambos os sexos durante esse processo, que incluem a utilização da violência como estratégia de poder e a ocorrência de muitos conflitos em decorrência disso, que podem ser observados em alguns aspectos sociais atuais (BUSS; MALAMUTH, 1996).

Ainda na década de 90, outro psicólogo responsável por contribuir para o desenvolvimento da psicologia evolucionista foi o canadense Steven Arthur Pinker, em sua obra intitulada de *The Language Instinct* (PINKER, 1994). O livro foi o grande responsável por direcionar os estudos da linguagem para aspectos evolutivos e propor uma síntese de alguns temas considerados opostos por muitos linguistas e especialistas, mas que puderam ser sintetizados a partir da compreensão dos mecanismos de adaptação, sendo a linguagem um desses mecanismos adaptativos (PINKER, 1994).

Já no Brasil, o desenvolvimento da Psicologia Evolucionista tem seu grande marco no Instituto do Milênio e Psicologia Evolucionista, no qual cerca de 11 pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento se reuniram em um Simpósio da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP), no ano de 2004, para discussão da recente abordagem da Psicologia Evolucionista e seus direcionamentos a partir daquele evento (MOURA; YAMAMOTO, 2010).

Em 2005, com o grupo já consolidado, sob a coordenação da Doutora em Psicobiologia Maria Emília Yamamoto e também da professora e Doutora em Psicologia Emma Otta, um projeto foi escrito pelo grupo denominado de “O moderno e o ancestral: a contribuição da Psicologia Evolucionista para a

compreensão dos padrões reprodutivos e de investimento parental humano”, enviado ao Programa de Cooperação e Acadêmica em Defesa Nacional (PROCAD), e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), órgãos do Governo Federal responsáveis por regulamentar e estimular o desenvolvimento de pesquisas através de incentivo financeiro, nos quais foram significativamente aceitos (MOURA; YAMAMOTO, 2010).

Em suma, pode-se afirmar que o reconhecimento do Governo Brasileiro da relevância da Psicologia Evolucionista (PE) para a produção de ciência para a sociedade abriu possibilidades para um crescimento significativo da abordagem (MOURA; YAMAMOTO, 2010). Visto que o grupo de estudo se expandiu, somando mais pesquisadores para a área, bem como recrutando mais instituições que estimularam o estudo e o conhecimento da Psicologia Evolucionista por diversos cursos de graduação e pós-graduação (MOURA; YAMAMOTO, 2010). Como consequência dessa disseminação de conhecimento, pesquisas e estudos brasileiros começaram a se desenvolver em diversos eixos temáticos, como sexualidade, desenvolvimento humano e parentalidade, psicopatologia, cultura, linguagem, etc. (MOURA; YAMAMOTO, 2010)

4. Capítulo 2- A psicologia Evolucionista e suas principais contribuições

A psicologia evolucionista (PE) tem apresentado muitas contribuições em diversas temáticas no universo das ciências psicológicas, apresentando novas propostas de discussão e reformulação de compreensões (YAMAMOTO, 2018). Neste capítulo, serão apresentadas algumas das principais propostas da PE nos estudos de Cognição, Linguagem, Sexualidade, Relações parentais e desenvolvimento humano (YAMAMOTO, 2018).

4.1. 4.1 COGNIÇÃO E LINGUAGEM

O ancestral do ser humano viveu há aproximadamente 2,5 milhões de anos no Continente africano, denominado de *Australopithecus*, termo traduzido como “macaco do sul”, durante milhões de anos, todas as espécies de humanos advindas desse gênero, viviam de modo muito semelhante e não destoavam muito do comportamento de outros animais (HARARI, 2008). Um dos aspectos mais visíveis de diferenciação da espécie humana em comparação as outras espécies é a sua cognição, que evoluiu pela última vez cerca de 70 mil anos (HARARI, 2008).

Alguns estudos de primatologia apontam para a hipótese de que antes da fala articulada, a comunicação humana ocorria através de gestos (YAMAMOTO, 2018). Essa hipótese é sustentada por espécies de primatas que se comunicam utilizando os gestos, como é o caso dos chimpanzés, que possuem um conjunto elaborado de gestos na comunicação e que possuem algumas estruturas parecidas com as dos humanos que participam da produção de sons, a exemplo do gânglio basal, além de neurônios, espelhos similares a da área de boca humana responsável pela fala (YAMAMOTO, 2018). Com isso, considerando que os chimpanzés são os parentes mais próximos do homem, visto que, todos os outros mais similares aos homens estão extintos, pode-se

inferir que os ancestrais hominídeos podem ter utilizado dos gestos para se comunicar (YAMAMOTO, 2018).

Algumas hipóteses destacam que uma das funções da linguagem e da importância em se comunicar foi a relevância da troca de informações entre os ancestrais, apontando que essa foi responsável por fortalecer a cooperação entre muitos sapiens, elemento fundamental para a ascensão da espécie para o topo da cadeia alimentar (HARARI, 2008). Dentre os benefícios da troca de informações por meio da utilização da linguagem, saber em quem pode ou não confiar se tornava crucial, ao passo em que os seres humanos iam se adaptando cada vez mais rápido ao ambiente e subindo ao topo da cadeia alimentar, fazendo com que o cuidado e o estado de alerta com relação a quem poderia trair a confiança dos indivíduos dentro do próprio bando, fosse mais importante do que com qualquer outro animal (HARARI, 2008).

Foi no período denominado de Revolução Cognitiva que algumas coisas muito significativas aconteceram revolucionando o modo de vida do Homo Sapiens, dentre essas, a capacidade de pensar e se comunicar utilizando uma forma de linguagem nova e versátil capaz de criar uma infinidade de combinações de frases, armazenando, comunicando e consumindo uma quantidade considerável de informações e não só de coisas físicas, mas de coisas imateriais (HARARI, 2008). A criação de mitos, lendas e religiões são fruto direto dessa capacidade de pensamento abstrato desenvolvida durante a revolução, que estudiosos consideram crucial para o desenvolvimento da cooperação em grande quantidade de vários sapiens (HARARI, 2008).

A cognição pode ser definida como o processamento de informação ou operações simbólicas que são regidas perante regras específicas, que pode ser explicada a partir do modelo computacional, através da representação simbólica (YAMAMOTO, 2018). Ela pode ser dividida em dois componentes, sendo estes: a dimensão física, representada pelas funções cerebrais e o nível semântico correspondente a mente, entendida aqui como um processo não dual e natural. (YAMAMOTO, 2018). Sendo assim, a linguagem pode ser caracterizada e como um processo cognitivo, que envolve a semântica em nível mental e pode ser observada através de operações cerebrais, sendo a fala articulada um produto dessa articulação (YAMAMOTO, 2018).

Partindo disso, alguns modelos de explicação da cognição pelo viés evolucionista foram propostos, nos quais se destacam: o modelo hierárquico de arquitetura da mente, proposto por Fodor e posteriormente melhor detalhado por Barkow, no qual módulos refinados que funcionariam como órgãos mentais independentes e autônomos processam informações, no qual a rapidez desse procedimento não passaria pela vontade consciente do indivíduo, visto que já viriam como base dentro dessa estrutura (MOURA, 2005). Tendo em vista que seriam capacidades inatas, produtos do processo de evolução e adaptação da espécie envolvidas na decodificação de informações, como o reconhecimento facial, uso de ferramentas envolvidas na noção de espaço, expressão do medo, cuidado de crianças, inferência, comunicação, e linguagem (MOURA, 2005).

Outro modelo que também lança algumas hipóteses sobre a modularidade da mente é o de Merlin Donald, no qual a cognição humana teria evoluído e se adaptado a partir de um processador central que passou por transformações significativas em três momentos (MOURA, 2005). Sendo o primeiro deles o desenvolvimento de uma cultura mimética, que envolveria capacidades como a recuperação de memória de forma voluntária, que não envolveria só a atividade cerebral de lembrar, mas também a capacidade corporal motora envolvendo todo o corpo no processo de comunicação (MOURA, 2005). Em virtude disso, a comunicação entre os ancestrais humanos teria evoluído, tornando-se mais intencional e complexa, refletindo na capacidade de se expressar e se relacionar com os outros (MOURA, 2005).

Já o segundo, envolveria a invenção mítica dos seres humanos, pois tendo em vista que a comunicação teria se tornado mais complexa, alguns aparatos biológicos como estruturas envolvidas no processo fonético de fala e aparatos neuronais teriam evoluído para o pensamento abstrato, culminando na criação do pensamento narrativo e compartilhado do qual seriam oriundos os mitos e religiões (MOURA, 2005). O terceiro estaria relacionado a uma cultura teórica que estaria diretamente ligada ao aumento da plasticidade neurocortical e a expansão final do cérebro humano, que culminaria na externalização da memória a partir de objetos e manifestações representacionais, que são datadas do paleolítico superior (MOURA, 2005).

Já o modelo proposto por Mithen, realiza uma síntese entre todos os modelos apresentados até aqui, no qual ele propõe que a cognição humana evoluiu de uma forma especializada para uma generalizada, em que pensamentos mais gerais à espécie foram se tornando mais específicos, com o aumento da fluidez cognitiva (MOURA, 2005). O autor postula 3 fases cruciais para entender esse processo, sendo a primeira fase denominada de inteligência geral, que serviria como um programa de aprendizagem e tomada que pertenceria ao ancestral em comum do seres humanos e outros primatas, cerca de 55 milhões de anos atrás (MOURA, 2005).

A segunda fase é marcada pela entrada de funções mais específicas que e se somaram às funções mais gerais, datando entre 35 milhões e 6 milhões, no qual a inteligência técnica e naturalística foram se complexificando, o mapeamento mental e social já conseguia ser feito pelos hominídeos, porém sem comunicação entre eles, mesmo com a ampliação da cognição (MOURA, 2005). A terceira é marcada pela relação e atividade de variadas inteligências especializadas como a naturalística, a social, a técnica e a da linguagem, datadas da passagem do paleolítico médio para o superior e que permanece nos *Homo sapiens sapiens* (MOURA, 2005).

A preocupação de entender o mecanismos de linguagem humana é datada do ano de 1871, quando Alfred Russel Wallace, um dos percussores da teoria da evolução das espécies junto a Charles Darwin, já enxergava certas dificuldades em conceber algumas análises da teoria evolucionista na linguagem, visto que ele não conseguia perceber nenhuma função biológica especial que estivesse relacionada a essa característica, comparando com espécies que não possuíam linguagem, o que ficou conhecido como “problema de Darwin” (BERWICK; CHOMSKY, 2017).

Em uma das hipóteses levantadas por Darwin, a linguagem teria se desenvolvido a partir da seleção sexual realizada pelas fêmeas em machos que emitiam sons para atrai-las, como consequência disso, o aparelho vocal se aperfeiçoou paralelamente ao crescimento do cérebro, o que ocasionou o desenvolvimento da fala e que foi denominada pelo autor de “Teoria de Causo” (DARWIN, 1871). Além disso, Charles também chamou a atenção para o fato de que em algum momento, um ancestral comum ao homem exerceu um

investimento mental significativo que até então nenhum primata, ou qualquer outro nível mais rudimentar de fala, havia desenvolvido (DARWIN,1871).

Além disso, Darwin considerou que esse estímulo mental do ancestral, acabou por incentivar um funcionamento mental que foi se aperfeiçoando cada vez mais, construindo longas linhas de pensamento, o que demandou dos antepassados o desenvolvimento da fala, para conseguir dar conta desse emaranhado de pensamentos (DARWIN,1871). Com isso, o uso continuado da fala articulada passou a ser utilizado com frequência pelos humanos, tornando-se uma característica exclusiva da espécie (DARWIN,1871).

O “problema de Darwin” repercutiu bastante durante as décadas de 50, 60 e 70, influenciando o desenvolvimento de muitas teorias, dentre elas a teoria do Linguista Eric Lenneberg, em sua obra denominada de *Biological Foundations of Language*, de 1966 (BERWICK; CHOMSKY, 2017). As contribuições de Lenneberg, vão desde estudos relacionados a aquisição da linguagem, seus períodos críticos, componentes genéticos relacionados a linguagem, relação com algumas patologias a defesa de que a linguagem surgiu antes mesmo da diversidade racial, etc. (BERWICK; CHOMSKY, 2017).

Partindo dos escritos de Lenneberg e suas descobertas, Chomsky, desenvolveu seus estudos sobre linguagem e chegou a algumas hipóteses, nas quais ele postulava algumas características inatas universais da linguagem (CHOMSKY, 1965). Ao definir o conceito de gramática generativa, Chomsky chegou à conclusão de que a linguagem possuía características inatas e que essas se relacionavam a alguns aspectos cerebrais humanos (CHOMSKY, 1965). Apesar de não aprofundar essas características inatas ao processo de seleção natural, a contribuição de Chomsky para essa a psicologia evolucionista se deu ao trazer à tona características universais inatas da linguagem e o uso da recursividade da língua como uma característica da espécie humana, apontando para processos cognitivos envolvidos no processamento da linguagem, sendo essa um órgão direto da mente humana (MOURA,2005).

Utilizando como base alguns estudos de Chomsky, Pinker incorporou elementos da seleção natural a linguagem humana, definindo-a como resultado de adaptação da espécie, que evoluiu a partir de formas mais rudimentares de comunicação (BLOOM, 1994). A modelagem computacional aparece como um

método promissor para a investigação desse processo evolutivo, utilizando três premissas fundamentais que devem ser consideradas nas análises, sendo estas: a herança biológica, a aprendizagem interativa e a transmissão cultural (YAMAMOTO, 2018).

A Psicologia evolucionista se utiliza de causas proximais e distais na compreensão da linguagem humana, sendo as causas proximais expressas nos genes, na anatomofisiologia, na aprendizagem e na cultura e as causas distais investigadas através do método comparativo e do modelo computacional (YAMAMOTO, 2018). Ao estudar os sistemas de comunicação animal, algumas informações acerca do modo ancestral de comunicação puderam ser acessada e apesar de não se saber ao certo qual a origem da fala humana, essas informações somadas a características fisiológicas do trato vocal humano que evoluiu entre 90 e 50 mil anos, apontam para o fato dos órgãos que compõem esse sistema terem evoluído em prol da comunicação (YAMAMOTO, 2018).

Diante do exposto, percebe-se que a psicologia evolucionista juntamente com outras áreas do conhecimento como a linguística, a biologia evolucionista, a psicologia, a genética, as neurociências e etc. construíram bases e hipóteses muito interessantes para traçar um percurso evolutivo para a linguagem humana (YAMAMOTO, 2018). As evidências que apontam a correlação entre evolução cognitiva e linguística, ditam características anatomofisiológicas entre órgãos humanos responsáveis pelo trato humano da fala e a sua correlação com formas menos elaboradas de emissão de sons através do método comparativo com chimpanzés, porém ainda é necessário ampliar os estudos em relação a cognição humana e seus processos superiores, a exemplo da linguagem (YAMAMOTO, 2018).

Somado ao constante avanço do modelo computacional no estudo da evolução da linguagem humana, que possibilita a investigação de processos adaptativos exclusivos dos humanos, constroem seu sistema linguístico, fornecem subsídios suficientes para a consideração da importância do entendimento da evolução da linguagem humana como um objeto de estudo importante dentro da psicologia evolucionista, não só por entender mecanismos privativos ao próprio indivíduo, mas suas funções de adaptação social (YAMAMOTO, 2018).

4.2. 4.2 SELEÇÃO SEXUAL E REPRODUÇÃO

A reprodução e o comportamento sexual sempre tiveram diretamente ligados à teoria da evolução, tendo em vista que uma das premissas básicas para a adaptação das espécies diz respeito a capacidade de reproduzir e gerar descendentes férteis, frente a um ambiente de pressão, denominado por Charles Darwin de seleção sexual DARWIN (1872). Sendo assim, a psicologia evolucionista se debruça para sobre investigar hipóteses ligadas as preferências sexuais e o valor adaptativo dessas, entendendo que a as preferências expostas no presente tem suas raízes adaptativas em resolução de conflitos num passado evolutivo da espécie (YAMAMOTO, 2018).

Variáveis que são relacionadas a seleção sexual estão diretamente relacionadas a quesitos como: potencial reprodutivo e eficácia rápida em gerar descendentes e cuidado e investimento parental, são fatores que podem determinar o processo de seleção sexual (ALBUQUERQUE, 2022). O esforço reprodutivo é acompanhado de dois fatores denominados de esforço de acasalamento e esforço parental, sendo que este último que está no investimento no cuidado dos filhotes é considerado o recurso limitante do sucesso reprodutivo do outro sexo, ditando a intensidade da relação entre os pares, suas estratégias de reprodução e a dinâmica de interação entre os sexos no processo de seleção sexual (YAMAMOTO, 2018).

Um dos aspectos notórios da seleção sexual é o dimorfismo sexual, termo cunhado para designar as diferenças entre o sexo de machos e fêmeas, que ocasionou diferenças morfológicas consideráveis entre os sexos durante o período evolutivo, podem ser percebidas em algumas espécies de primatas não humanos, como o tamanho corporal, formato do crânio e da face (YAMAMOTO, 2018). Além disso, outras características perceptíveis estão relacionadas a comportamentos sexuais, preferências de características, competição e expressão de ciúmes em relação ao par romântico (YAMAMOTO, 2018).

No tocante ao ciúmes, a PE pontua que esse não é um fenômeno do mundo contemporâneo, mas fruto de adaptações da espécie frente a problemas

adaptativos relacionados a proteção de um relacionamento de grande valor que apresentou sucesso reprodutivo nos homínídeos auxiliando na seleção sexual (ALBUQUERQUE, 2022). Isso impacta de forma significativa nas diferenças sexuais e expressão desses ciúmes, a exemplo da infidelidade sexual ser menos tolerada pelos homens, levando em consideração que os problemas evolutivos enfrentados por eles estavam diretamente relacionados a assegurar que todo o investimento na parceira gestante tinha relação com aquele filhote ser dele (ALBUQUERQUE, 2022), enquanto que para as fêmeas, a infidelidade emocional colocava em risco a perda de recursos e até do relacionamento de compromisso para outra rival, impactando na sobrevivência dela e do filhote (ALBUQUERQUE, 2022).

Na sociedade atual, os ciúmes podem ser classificados em três tipos: o cognitivo, que diz respeito a preocupação frente as ameaças percebidas, pode ser mais frequentes em pessoas ansiosas; o emocional relacionado a ameaças de perder o relacionamento, mas frequente em mulheres cis e transgêneros; e o comportamental no qual o parceiro suspeita frequentemente, visando proteger a relação de possíveis ameaças, com maior prevalência em homens cis e transgêneros.

Em biologia, sexo pode ser definido como uma atividade de movimentação de material genético, que envolve o movimento de doar e receber material genético, sendo que a reprodução pode ocorrer na ausência de sexo e vice-versa (YAMAMOTO, 2018). E também pode ser conceituado como um construto baseado na presença de cromossomos sexuais e por órgãos reprodutores funcionais dismórficos (YAMAMOTO, 2018). A diferenciação sexual nos seres humanos pode ser observada a partir de variadas perspectivas, incluindo o tamanho de algumas regiões do cérebro, aumento da quantidade de neurônios e atividade de neurotransmissores em áreas diferentes do cérebro, a exemplo do hipotálamo, amígdala e estria terminal em machos, e aumento do núcleo caudado, área de boca, hipocampo e lobo parental direito nas fêmeas (YAMAMOTO, 2018).

Tratando-se de espécies de plantas e animais, observa-se uma predominância da reprodução sexuada, algumas hipóteses sustentam a ideia de que a reprodução sexuada proporcionou um reparo genético no DNA humano,

fornecendo uma melhor qualidade aos seus descendentes, por recombinar e renovar genes, relacionando com o fato das células eucariontes multicelulares, há uma otimização genômica que é passado para todas as células-filha (YAMAMOTO, 2018).

O processo de reprodução da espécie humana ocorre através de dois gametas sexuais distintos, sendo o masculino denominado de espermatozoide, que possui muita mobilidade e um menor tamanho e o óvulo que possui uma menor mobilidade e um maior tamanho, sendo o processo de fertilização e formação do zigoto, um processo interno que ocorre dentro da fêmea Sapiens (YAMAMOTO, 2018).

Além disso, todos os filhos de um indivíduo representam o mesmo valor reprodutivo para ele, já que contém os mesmos 50% de seus genes (YAMAMOTO, 2018). Dessa forma, a escolha de qual cria investir é baseada no impacto de sua sobrevivência e probabilidade maior em sua reprodução futura (YAMAMOTO, 2018). Em certas situações, pode ocorrer aumento do custo de investimento da cria de um dos sexos (YAMAMOTO, 2018).

Para machos de determinadas espécies, o potencial de reprodução é maior do que para fêmeas, já que podem gerar mais filhos e produzem uma grande quantia de células reprodutivas ao decorrer de toda a sua vida. Porém, por terem que competir com outros machos para fecundar as fêmeas, sua reprodução é variável (YAMAMOTO, 2018). O macho que ganham mais disputas alcança mais sucesso, mas quando perdem, podem não se reproduzirem (YAMAMOTO, 2018).

Já as fêmeas desempenham menor chances reprodutivas, levando em conta que possuem poucos óvulos ao decorrer da vida, tendem a ter menos filhos em comparação aos machos (YAMAMOTO, 2018). Entretanto, os machos não são seletivos na escolha de uma fêmea, por isso, não há variação entre as fêmeas sobre suas chances de fecundação (YAMAMOTO, 2018).

Alguns autores acreditam que o investimento parental (IP) determina maior probabilidade de êxito reprodutivo das crias e como esse êxito é maior em machos do que para fêmeas, o IP impacta principalmente filhotes machos (que possuem mais chances de vencer competições pelas fêmeas) (YAMAMOTO, 2018). Contudo, fêmeas que possuem boas condições de recursos preferem

investir em filhotes machos, diferente de fêmeas em baixas condições de recursos e nível inferior na hierarquia, preferem investir em filhotes fêmeas, já que estas não modificam suas chances de efetividade na reprodução (YAMAMOTO, 2018).

A abordagem evolucionista, ao considerar os sistemas de acasalamento, supõem que a monogamia é o mais predominante entre os humanos (ALBUQUERQUE, 2022). Vale salientar que o conceito de monogamia a que se refere a psicologia evolucionista é caracterizado por a união de um par em prol do cuidado dos filhos, enquanto esses estiverem dependentes deles e não a uma exclusividade sexual como popularmente é difundido atualmente (ALBUQUERQUE, 2022). A monogamia observada na espécie humana pode ser: genética, ou seja, quando a prole é descendente dos genes do par; social, quando os filhos não são de um do par; e seriada, caracterizada principalmente por relacionamentos monogâmicos longos e no estabelecimento de outro no mesmo formato ao final do anterior (ALBUQUERQUE, 2022).

Algumas explicações acerca da predominância da monogamia estão relacionadas a fatores, como o investimento parental masculino, a transmissão desse tipo de sistema por sociedades ancestrais territorialmente vizinhas e aumento da aptidão sexual dos próprios indivíduos, principalmente das mulheres (ALBUQUERQUE, 2022). Além disso, a análise custos e benefícios relacionados a monogamia podem fazer com que machos e fêmeas optem ou não pela exclusividade sexual (YAMAMOTO, 2018).

Ao investigar o campo da sexualidade a partir do ponto de vista evolutivo, alguns achados acerca da orientação sexual, comportamento sexual e seleção sexual, apresentam paradoxos interessantes, a exemplo de hipóteses que apontam para uma ancestralidade na qual o direcionamento do desejo, bem como do comportamento sexual levam para uma não-discriminação sexual, derivada de uma forma ancestral bi ou pansexual (ALBUQUERQUE, 2022).

A sexualidade humana é vista por muitos estudiosos evolucionistas como multifuncional, envolvendo outras variáveis que não estão restritas apenas a reprodução sexuada entre parceiros heterossexuais, mas a uma gama variada de possibilidades de expressão do comportamento sexual, havendo tendências homossexuais em indivíduos predominantemente heterossexuais e vice-versa

(ALBUQUERQUE, 2022). Este, está relacionado ao processo evolutivo denominado de variação adaptativa da orientação sexual, que possui bases filogenéticas, demonstrando que existe uma adaptabilidade da não heterossexualidade. (ALBUQUERQUE, 2022).

A orientação sexual pode ser definida como o direcionamento do desejo sexual para outro com base no sexo aparente, abarcando o campo dos desejos e preferências (ALBUQUERQUE, 2022). Nesse sentido, a heterossexualidade obtém uma maior facilidade de detecção da sua relevância frente ao processo de seleção e adaptação da espécie. Já a homossexualidade é apresentada como um paradoxo evolutivo, tendo em vista que reduz o sucesso reprodutivo dos indivíduos, mas indicam associações com outros aspectos de adaptação da espécie que influenciam indiretamente na transmissão de seus genes através da seleção de parentesco, no qual o investimento parental na reprodução de parentes próximos, permitem a propagação dos genes do indivíduo homossexual de forma indireta (ALBUQUERQUE, 2022).

As explicações filogenéticas para a fluidez da orientação sexual trazem também a hipótese de que a orientação sexual do tipo homo, é um subproduto de traços epigenéticos atípicos ao sexo, que masculinizam as fêmeas e feminizam os machos, sendo mais fluídos em fêmeas (ALBUQUERQUE, 2022). Poder físico, autodefesa e defesa dos parentes, aquisição de recursos, são algumas características que influenciavam na boa adaptação ao ambiente, (ALBUQUERQUE, 2022). Em decorrência disso, em ambientes onde as fêmeas necessitavam desenvolver essas características, na ausência de machos para assegurar a sobrevivência e reprodução da prole e por consequência disso, receber investimento afetivo e parental dos pais e de outras mulheres (ALBUQUERQUE, 2022).

Já homens que possuem características mais feminizadas podem usufruir do benefício da reprodução furtiva, visto que homens não heterossexuais que se relacionam com o outro sexo, mostram-se mais atraentes para as mulheres, tendo em vista alguns traços importantes que estes carregam (ALBUQUERQUE, 2022), como por exemplo, a tendência para relacionamentos mais fixos e duradouros e cuidado parental, que se configurou durante grande parte da existência humana, como critério significativo para o investimento e a seleção

sexual de parceiros utilizada pelas fêmeas para a reprodução sexuada (HARARI, 2008).

O estudo de síndromes genéticas em indivíduos com essas condições, possibilita compreensão de alterações neurobiológicas de cunho sexual e sua relação com os comportamentos, identidade e orientação sexual dos indivíduos (YAMAMOTO, 2018). Além desse, outros indicadores analisados são a influência dos hormônios sexuais durante as fases pré-natal e da puberdade e sua relação com aspectos psicológicos relacionados à cognição, comportamento de risco, habilidades espaciais e interesse em atividades recreativas, identidade de gênero, orientação sexual, autoidentificação de gênero e problemas típicos de cada sexo, a exemplo da depressão e ansiedade em fêmeas e desordens de consulta e comportamentos antissociais nos machos (YAMAMOTO, 2018)

Com isso, observa-se que o entendimento evolutivo da orientação sexual aponta para variadas hipóteses de comportamentos e expressões de orientação sexual não heterossexual, que possuem diversas possibilidades e funções adaptativas, que vão desde a reprodução indireta via seleção de parentesco, alianças sociossexuais, até reprodução furtiva (ALBUQUERQUE, 2022).

4.3. 4.3 INVESTIMENTO PARENTAL

Há cerca de 2,5 milhões, os ancestrais humanos enfrentaram muitos desafios para sobreviver, tendo em vista que os primeiros hominídeos não estavam no topo da cadeia alimentar, o que fazia com que ele tivesse que fugir de predadores muito maiores e fortes que ele, além de procurar água e alimentação (HARARI, 2008). Somado a esses problemas típicos da era do pleistoceno, estava também a problemática da prole humana ser bem imatura e dependente nos primeiros anos de vida, o que tornou o cuidado com as crias uma necessidade para o processo seleção natural e adaptação da espécie, incluindo seus custos e benefícios que ocasionaram na aptidão de sobrevivência para os pais e para os filhos e descendentes destes, caracterizado como sucesso reprodutivo (YAMAMOTO, 2018).

Em 1973, a partir da abordagem evolutiva, obteve-se um marco no estudo dos cuidados parentais e aloparentais com a definição de “investimento parental” nomeado por Trivers (YAMAMOTO, 2018). Nesse sentido, “cuidado” pode ser determinado como comportamentos dos pais para promover aptidão do filho, enquanto “investimento” diz respeito aos cuidados que geram custos para promover um sucesso reprodutivo futuro dos pais (YAMAMOTO, 2018). Em valores adaptativos, os benefícios para o cuidador são representados pelo aumento de sua capacidade reprodutiva (ou transmissão de seus genes para gerações futuras), enquanto o custo é definido pela diminuição dessa capacidade (TOKUMARU, 2009). A medida em que os custos forem maiores que os benefícios, a tendência é que ocorra abandono e infanticídio por parte do genitor/cuidador (TOKUMARU, 2009).

O investimento na prole, caracterizado pelo cuidado e proteção dos filhos enquanto estes ainda são muito vulneráveis e necessitam de auxílio para sobreviverem, é um dos traços observados durante a seleção sexual tanto de fêmeas, quanto de machos, ao passo em que não bastava reproduzir descendentes férteis, mas atrelar a isso a garantia da sobrevivência desses até a maturidade, quando pudessem reproduzir seus próprios descendentes (BANDEIRA; SEIDL-DE-MOURA, 2009). Um investimento direto diz respeito a tarefas como alimentar, segurar no colo, ensinar e manter limpo (BANDEIRA; SEIDL-DE-MOURA, 2009), e indireto abrange a previsão de recursos para sobrevivência, proteção e assistência ao parceiro mais comprometido aos cuidados (BANDEIRA; SEIDL-DE-MOURA, 2009). Quanto mais investimento se faz com um filhote específico, menos os pais possuem capacidade de investir em outros filhotes (YAMAMOTO, 2018).

Este sistema se manifesta no presente em indivíduos que são e que não são pais, em prol de crianças que sejam ou não seus filhos, filhotes de animais ou estímulos que se associem com características infantis, a exemplo de olhos grandes, narizes pequenos e outras expressões faciais (ALBUQUERQUE, 2022). O sistema motivacional de cuidado parental é facilmente acionado em indivíduos que tem o papel parental aguçado e em situações que envolvam o risco de bem-estar de crianças, envolvendo comportamentos de hipervigilância a ameaças e se expressam de maneira mais conservadora socialmente, devido ao estado de alerta para potenciais ameaças (ALBUQUERQUE, 2022).

Quando machos e fêmeas formam pares, o investimento parental masculino passa a se tornar muito relevante para o desenvolvimento das crias, esse traço pode ser verificado em traços cooperativos da espécie humana na criação de seus descendentes, que envolve a união de membros da família, a exemplo da avó materna que contribui nos cuidados nutricionais e auxílio da mãe no pós-parto do neto (YAMAMOTO, 2018).

As fêmeas mamíferas são as que mais investem na prole e a isso são atribuídas algumas explicações como a ocorrência da fertilização interna, na qual a fêmea carrega o filho dentro do seu próprio corpo e tem certeza de que o ser gerado pertence a ela, sendo muitas vezes o recurso limitante no processo de seleção sexual (ALBUQUERQUE, 2002). Já os machos apresentam a incerteza da paternidade, visto que não conseguem assegurar que o filho presente no corpo da fêmea seja realmente seu (ALBUQUERQUE, 2002). Com isso, a defesa e a competição de acesso exclusivo às fêmeas é um aspecto notável nos sistemas de acasalamento de espécies de primatas (ALBUQUERQUE, 2002).

Estudos apontam que palavras associadas ao cuidado parental são melhores fixadas na memória dos sujeitos, articulando-se a seleção sexual de potenciais parceiros que sejam bons cuidadores (ALBUQUERQUE, 2022). Com as diferenças de problemáticas do período adaptativo, homens e mulheres começaram a priorizar algumas características no cuidado parental dos filhos, a exemplo de preocupações mais imediatas com provimento de recursos pelas mulheres e preocupação mais distanciais da prole presente nos homens (HARARI, 2008).

Partindo disso, a psicologia evolucionista explica alguns mecanismos psicológicos oriundos desse processo evolutivo de cuidado com a prole, foram selecionados a exemplo de comportamentos de oferecimento de proteção e provimento de alimento, que foram passados como aptidão para as gerações descendentes (ALBUQUERQUE, 2022). Em decorrência disso, os seres humanos do presente herdaram de um passado ancestral primitivo, um sistema de cuidado parental, caracterizado pela integração de decisões que objetivam oferecer benefícios de sobrevivência para a prole (ALBUQUERQUE, 2022).

4.4. 4.4 DESENVOLVIMENTO HUMANO

No decorrer da vida há um número limitado de crenças e habilidades em comparação às possibilidades existentes pelo mundo todo. Estas são baseadas no meio social e ambiental no qual se adquirem habilidades, normas e crenças (YAMAMOTO, 2018). Ao longo da existência humana, pais e mães buscam as maneiras que julgam como melhores de criar seus filhos, através de informações disseminadas em seu meio cultural e familiar, que tem como principal preocupação o desenvolvimento dos filhos (YAMAMOTO, 2018).

Os recém-nascidos humanos apresentam a necessidade de formação de vínculo com seu(s) cuidador(es), o que demanda da psicologia de forma geral e da abordagem evolucionista, entender esses mecanismos de desenvolvimento (YAMAMOTO, 2018). Tratando-se da teoria evolucionista dentro da psicologia, investigar a ontogênese de comportamentos de vinculação que auxiliam os recém-nascidos a sobreviver por meio da vinculação com sua figura de referência e cuidado desde o mais tenro momento de seu nascimento, torna-se um dos seus principais objetos de estudo (YAMAMOTO, 2018).

Um paradigma frequente nos estudos de desenvolvimento humano estão atrelados aos aspectos inatos e adquiridos no decorrer do desenvolvimento humano (YAMAMOTO, 2018). A etologia defendia os aspectos inatos e instintivos do desenvolvimento, vinculando esses a uma herança biológica, uma contribuição importante está no conceito de estampagem realizado com gansos, nos quais o autor observou comportamentos estereotipados típicos daquela espécie, (LORENZ,1995). Entretanto, apesar de apontar a importância do inato e da herança biológica, a etologia não se aprofundou em explicar como isso ocorria a partir da investigação da ontogênese do comportamento (YAMAMOTO, 2018).

As escolas comportamentais do século XX apontaram a relevância dos aspectos aprendidos para o desenvolvimento humano, apresentado o ponto de vista de que o ambiente modula o comportamento do indivíduo, no qual a aprendizagem se torna um fator preponderante (SKINNER, 1974). Contudo, alunos de Skinner que realizaram estudos posteriores perceberam que não era

possível modular o comportamento de qualquer animal, visto que estes traziam algumas variáveis de repertório biológico que dificultavam a eficácia da aprendizagem (YAMAMOTO, 2018).

O estudo de bebês é recente e foi ignorado ou pouco explorado devido às inconsistências e paradigmas teóricos por diversas teorias dentro da psicologia, dos quais se destacam William James, Wundt, Vygotsky, Skinner, etc. (YAMAMOTO, 2018). Contudo, houve algumas teorias que deram alguns pontapés interessantes antes da construção de teorias mais aprofundadas sobre os bebês, das quais se destacam o pioneiro Piaget e a teoria do apego de John Bolby (YAMAMOTO, 2018). A partir da década de 60, as ciências cognitivas aprofundaram os estudos sobre a cognição e percepção de recém-nascidos, que atuavam na sobrevivência desses em interação com pessoas (YAMAMOTO, 2018).

Em 1970, houve um consenso entre etólogos e analistas do comportamento sobre não haver um instinto pronto e permanente no nascimento e restrições orgânicas limitaria o desenvolvimento da aprendizagem (YAMAMOTO, 2018). Por volta de 1992, surgiram por meio dos estudos do evolucionismo dentro da psicologia, a chamada psicologia evolucionista do desenvolvimento, considerando que homem atua no ambiente, o modifica e por ele é modificado também (YAMAMOTO, 2018).

Os estudos de bebês dentro da psicologia evolucionista trazem contribuições e apontam para uma ontologia comportamental de sociabilidade nos recém-nascidos humanos, oriundas do processo evolutivo da espécie (YAMAMOTO, 2018). Alguns desses comportamentos são: a discriminação da voz e da face e até odores da mãe frente a outras pessoas estranhas; busca ativa em direção ao cuidador; imitação de expressões faciais; compartilhamento de emoções demonstrado na interação com o choro de outros bebês e etc. (YAMAMOTO, 2018).

A aquisição desses comportamentos pode ser remetidos ao fato de que em espécies de primatas estranhos ao bebê que não sejam seus parentes próximos, oferecem risco de abuso e infanticídio, visto que é comum o comportamento de machos adultos sacrificarem os nenéns para o início de um novo ciclo de reprodução e fêmeas que roubavam o filhote para expor um comportamento de investimento parental, o que culminava em risco e até morte

dos filhotes. Comprovando que, os nenéns desde muito cedo apresentam componentes biológicos, que somados a uma plasticidade cerebral, interagem e se adaptam a diferentes ambientes (YAMAMOTO, 2018).

O estilo de apego obtido na infância possui multifunções na vida adulta e pode ser expresso nas relações interpessoais de amizades, parceiros amorosos, trabalho e etc. (YAMAMOTO, 2018). O sistema de apego é constituído das experiências vivenciais infantis, da adolescência e da vida adulta, que constitui um universo maior denominado de história de vida ou ciclo da vida, responsável por reunir diversos momentos e etapas da vida do sujeito, analisando seu processo de tomada de decisão frente aos problemas adaptativos que se apresentam, apontando para o fato de que o motor do processo de escolha é um ambiente interno corporal e um externo ambiental, visto que estratégias não são herdadas, mas estabilizadas ou reavaliadas (YAMAMOTO, 2018).

Existem dois tipos de estratégias utilizadas durante o desenvolvimento denominadas de lenta (K) e rápida (r), sendo a estratégia de desenvolvimento rápido, presente em ambientes instáveis, que pouco provém de necessidades básicas como água, comida e etc., nos quais os indivíduos apresentam apego inseguro e pouco investimento parental quando crianças, menarca mais cedo, relacionamentos de curto prazo e conflito marital (YAMAMOTO, 2018).

São resultados de uma ação de plasticidade entre o pouco recurso alimentar durante a gravidez, que ocasiona em um feto menor, com metabolismo acelerado: a menarca mais cedo, que aponta para uma estratégia de reprodução e maior instabilidade na infância. Vale salientar que esses argumentos não sevem como régua imutável, mas para uma probabilidade maior, tendo em vistas aspectos adaptativos (YAMAMOTO, 2018). Ao analisar as estratégias lentas de desenvolvimento, observa-se que essas são presentes em ambientes de maior cuidado, recursos, investimento parental, no qual a menarca e o primeiro filho demoram um pouco mais para vir, as relações familiares são mais harmônicas, relacionamentos mais longos e etc. (YAMAMOTO, 2018).

Na vida adulta, os diferentes tipos de apego estão estritamente relacionados a algumas características e comportamentos expressos na esfera sexual (YAMAMOTO, 2018). A exemplo do apego seguro, estão os relacionamentos de longo prazo (lento), já o inseguro está interligado a relações

mais curtas (rápido), enquanto o inseguro-evitativo, associa-se a promiscuidade e coerção sexual, enquanto o inseguro-ambivalente relaciona-se com a dependência, a passividade e a pressão sexual do parceiro (YAMAMOTO, 2018).

Vale ressaltar que do ponto evolucionista, não existe estratégia de apego mais certa ou errada, devido ao fato de que os apegos considerados desvantajosos a nível individual, podem ser de grande importância adaptativa frente a um ambiente coletivo (YAMAMOTO, 2018). Em decorrência disso, não há um julgamento moral que coloque esses tipos de apego como mais ou menos adaptados, melhores ou piores, sem que um contexto de situações-problema de potencial adaptativo seja levado em consideração (YAMAMOTO, 2018).

Durante o processo de envelhecimento do indivíduo, os comportamentos de apego mudam, levando em consideração alguns aspectos contextuais e vivenciais como o luto em prol de figuras de apego devido a morte, estando o apego inseguro relacionado a depressão e outros problemas emocionais, infertilidade nas fêmeas e comportamento alo cuidador, principalmente relacionado a avó materna, que tem certeza do compartilhamento genético e conseguem prover os netos no quesito alimentar, sem necessariamente se reproduzir ou amamentar (YAMAMOTO, 2018).

Diante do exposto, observa-se que a psicologia evolucionista do desenvolvimento apresenta contribuições significativas ao considerar aspectos ontogenéticos do comportamento, que apresentam contribuições significativas no estudo com bebês, que serviram como embasamento para a superação da dicotomia organismo-ambiente (YAMAMOTO, 2018). E que abre a possibilidade para estudos que levem em consideração o aprofundamento dos aspectos biológicos e sua adaptabilidade a diferentes contextos (YAMAMOTO, 2018).

5. CAPÍTULO 3 - REVISÃO DE LITERATURA

O presente capítulo tem como objetivo realizar um levantamento bibliográfico de trabalhos científicos publicados na plataforma “Scielo” dentro da temática da psicologia evolucionista. Com base nisso, foram selecionados os trabalhos que cumpriram os seguintes critérios: 1) Publicados em português; 2) Diretamente relacionado a temática evolucionista em seu conteúdo e descritor. Ao todo foram revisados 31 trabalhos, que foram agrupados para entendimento didático em 7 categorias, sendo estas: Sexualidade; Comportamento; Cognição; Desenvolvimento Humano; Psicologia evolucionista e Psicanálise; e Psicologia evolucionista e outras relações.

CATEGORIAS	TÍTULO	ANO	AUTORES	REVISTA
SEXUALIDADE	Interações sexuais entre indivíduos do mesmo sexo: um olhar evolucionista;	2022	Leonardo Cezara; Felipe Pisaneschib; Jaroslava Varella; Valentovaa Irene Delvala.	Psicologia USP
	Nível Socioeconômico e Autopercepção como Parceiro Romântico no Ambiente Universitário;	2018	Anthonieta Looman Mafrá; Felipe Nalon Castro; Fívia de Araújo Lopes;	Trens in Psychology/
	Evidências de Validade da Versão Brasileira da Escala Amor do Marriage and Relationships Questionnaire (MARQ).	2016	Priscilla Soares de França; Jean Carlos Natividade; Fívia de Araújo Lopes	Temas em psicologia Psico USF
	Julgamentos de infidelidade: um estudo exploratório dos seus determinantes.	2013	Thaysa Viegas; João Manuel Moreira	Estudos de psicologia (Natal)
	A perspectiva evolucionista sobre relações românticas	2013		Psicologia USP

SEXUALIDADE	Ambiente de desenvolvimento e início da vida reprodutiva em mulheres Brasileiras	2011	Victor Kenji M. Shiramizu Fívia de Araújo Lopes Eulina da Rocha Lordelo; Maria Lucia Seidl-de-Moura; Mauro Luís Vieira; Vera Sílvia Raad Bussab; Ângela Donato Oliva; Rosana Suemi Tokumaru; Regina Célia Souza Britto.	Psicologia: Reflexão e crítica
	Relação entre gênero e orientação sexual a partir da perspectiva evolucionista	2010	Aline Beckmann Menezes; Regina Célia Souza Brito; Alda Loureiro Henriques.	Psicologia: Teoria e Pesquisa
	Em busca dos indicadores biossociais da hipogamia	2010		Estudos de Psicologia (Natal)
	O efeito da infidelidade sobre a atratividade facial de homens e mulheres	2010	André Luís Ribeiro Lacerda Rosana Suemi Tokumaru; Sérgio Werner Baumel; Fabiane Cruz Gama; Aires Daniela Palaoro Viana; Laís de Almeida Ambrósio; Yara Nascimento de Aguiar; Rejane Neves Monteiro	Estudos em psicologia (Natal)
	Compreendendo as diferenças de gênero a partir de interações livres no contexto escolar.	2010	Luísa Helena Pinheiro Spinelli; Wallisen Tadashi Hattori; Maria Bernadete Cordeiro de Sousa.	Estudos em Psicologia (Natal)
	Psicologia evolucionista e a seleção sexual: o caso da linguagem	2008	Fernando Orphão de Carvalho	Psicologia: Teoria e pesquisa

COMPORTAMENTO	"In x Out": Revisando o Viés de Grupo através da Perspectiva Biológica	2017	Victor Kenji Medeiros Shiramizu; Maria Emília Yamamoto.	Trends in psychology/ temas em psicologia
	A Análise do Comportamento no contexto do estudo evolucionista do comportamento social e da cultura	2015	Ângelo Augusto Silva Sampaio; Eduardo Benedicto Ottoni; Marcelo Frota Lobato Benvenuti.	Estudos em psicologia (Natal)
	Surgimento e manutenção do comportamento religioso: contribuições da teoria evolucionista	2013	Tiago Bortolini; Maria Emília Yamamoto.	Estudos de Psicologia (Natal)
	Violência e identificação de raça como consequência da categorização de grupo	2010	Anuska Irene Alencar.	Estudos em Psicologia (Natal)
COGNIÇÃO	Um olhar evolucionista para os mecanismos cognitivos associados às trocas sociais.	2013	Tiago José Benedito Eugênio.	Psicologia: Teoria e Pesquisa
	Razão, emoção e ação em cena: a mente humana sob um olhar evolucionista	2006	Ângela Donato Oliva; Emma Otta; Fernando Leite Ribeiro; Vera Silvia Raad Bussab; Fívia de Araújo Lopes; Maria Emília Yamamoto; Maria Lucia Seidl de Moura.	Psicologia: Teoria e Pesquisa
	Dentro e fora da caixa preta: a mente sob um olhar evolucionista	2005	Maria Lucia Seidl de Moura.	Psicologia: Teoria e Pesquisa

DESENVOLVIMENTO HUMANO	Metas de socialização em diferentes contextos	2012	Eulina da Rocha Lordelo; Monika Roethle; Akemy Brandão Mochizuki.	Paideia
	Jovens e metas para o futuro: uma revisão crítica da literatura	2013	Dandara de Oliveira Ramos; Maria Lucia Seidl-de-Moura; Luciana Fontes Pessoa.	Estudos em Psicologia (Natal)
	Em cada lugar um brincar: reflexão evolucionista sobre universalidade e diversidade	2011	Reginalice de Lima MARQUES; Ilka Dias BICHARA	Estudos em Psicologia (Campinas)
	Desenvolvimento humano e cultura: integração entre filogênese, ontogênese e contexto sociocultural	2010	Gabriela Dal Forno Martins; Mauro Luís Vieira	Estudos de Psicologia (Natal)
	Brincadeiras de faz-de-conta em crianças autistas: limites e possibilidades numa perspectiva evolucionista	2009	Carla Silva Fiaes; Ilka Dias Bichara	Estudos de Psicologia (Natal)
	Revisitando as funções da imaturidade: uma reflexão sobre a relevância do conceito na Educação Infantil	2009	Eulina da Rocha Lordelo; Ilka Dias Bichara.	Estudos de Psicologia (Natal)
	Investimento parental e desenvolvimento da criança	2006	Eulina Rocha Lordelo; Carine Bastos da França; Lígia Maria dos Santos Lopes; Maria del Pilar Ogando Dacal; Cláudio Seal Carvalho; Raquel Cardoso Guirra; Anderson Almeida Chalub.	

				Estudos de Psicologia (Natal)
PSICOLOGIA EVOLUCIONISTA E PSICANÁLISE	A temática darwiniana em Freud: um exame das referências a Darwin na obra freudiana	2013	Marcelo Galletti Ferretti; Ana Maria Loffredo.	Psicologia Clínica
PSICOPATOLOGIA	A abordagem evolucionista do transtorno de personalidade antissocial	2004	Silvio José Lemos Vasconcellos; Gabriel José Chittó Gauer	Revista de Psiquiatria do Rio grande do Sul
	Teorias evolucionistas da depressão: panorama e perspectivas	2021	Andreza Conceição de Souza Tavares; Rebeca Fernandes Ferreira Lima; Rosana Suemi Tokumaru.	Psicologia USP
PSICOLOGIA EVOLUCIONISTA E OUTRAS RELAÇÕES	A Psicologia Evolucionista no Brasil	2010	Maria Emília Yamamoto; Maria Lúcia Seidl de Moura	Estudos de Psicologia (Natal)
	A Psicologia Evolucionista e o conceito de cultura	2010	Eulina Rocha Lordello	Estudos de Psicologia (Natal)
	Implicações da teoria da evolução para a psicologia: a perspectiva da psicologia evolucionista	2008	Rafael Gimenes Lopes; Sílvia Vasconcellos	Estudos de Psicologia (Campinas)

Na categoria sexualidade, foram selecionados os artigos de psicologia evolucionista que continham relações ao conceito de sexualidade humana, que pode ser definido como a relação do indivíduo com o seu próprio corpo e com o corpo de outros, incluindo aspectos ligados ao amor romântico, atratividade, infidelidade, diferenças sexuais, comportamento sexual, estratégias

reprodutivas, identidade sexual, gênero, hipogamia e reprodução, sendo assim, foram agrupados 11 trabalhos nessa categoria.

O amor pode ser definido pela perspectiva evolucionista, como um mecanismo que serviu para resolver problemas adaptativos dos ancestrais, aumentando o sucesso reprodutivo deles (SHIRAMIZU; LOPES, 2013). Algumas hipóteses apontam para a influência do apego nas relações amorosas, argumentando que o nível de cuidado e vínculo emocional dos infantes com sua figura de referência principal, aumentava sua aptidão de sobrevivência. Com isso, na idade reprodutiva, o indivíduo selecionaria sexualmente parceiros que demonstrassem cuidado parental, aumentando seu sucesso reprodutivo (SHIRAMIZU; LOPES, 2013).

Existem três tipos de apego que podem explicar alguns comportamentos sexuais reprodutivos, sendo esses: o apego seguro, o inseguro-ansioso e o inseguro-evitativo (SHIRAMIZU; LOPES, 2013). O primeiro teria evoluído de situações nos quais os indivíduos conseguiam estabelecer uma relação de cuidado, proteção e confiança, estabilidades e recompensas, que culminariam em estratégias sexuais que valorizassem o investimento parental nos relacionamentos afetivos futuros (SHIRAMIZU; LOPES, 2013). O segundo teria evoluído de um cuidado irresponsável dos cuidadores com o infante, que culminariam na não adesão desses indivíduos, na reprodução durante a idade reprodutiva (SHIRAMIZU; LOPES, 2013). Porém, teria sido selecionado por aumentar o sucesso reprodutivo de parentes próximos, tendo em vista que esses ajudariam no cuidado parental da prole, como irmãos por exemplo (SHIRAMIZU; LOPES, 2013). Já o terceiro, caracterizado pela desconfiança e por experiência parental insensível e hostil, culminaria numa estratégia reprodutiva que valorizava a quantidade de parceiros reprodutivos e as relações de curto prazo (SHIRAMIZU; LOPES, 2013).

Sendo assim, os estilos de apego culminariam em adoção de estratégias reprodutivas distintas entre os indivíduos, devido a problemas de ordem adaptativa que envolviam a reprodução e a sobrevivência (SHIRAMIZU; LOPES, 2013). Isso fez com que homens e mulheres enfrentassem problemas distintos, culminando em diferenças entre os sexos na hora de selecionar parceiros (SHIRAMIZU; LOPES, 2013). As mulheres levariam em consideração o investimento na prole, tendo em vista a vinculação dela ao filhote, tornando o

sexo mais seletivo, aumentando a competitividade entre os homens (SHIRAMIZU; LOPES, 2013).

Uma pesquisa realizada com 606 mulheres de seis estados do Brasil, sendo esses: Pará, Bahia, Espírito Santo, São Paulo, Rio de Janeiro e Santa Catarina apontaram para alguns resultados interessantes acerca do apego e o início da vida reprodutiva de mulheres, nas quais expressaram que o início precoce da vida sexual ativa está diretamente relacionado com um ambiente familiar instável e pobre em recursos básicos de sobrevivência (LORDELLO, et. al, 2011). Em ambientes familiares nos quais a mãe exerce seu potencial reprodutivo, a menarca das garotas geralmente são mais tardias, prolongando o período de não reprodução, enquanto essas auxiliam no cuidado dos irmãos mais novos (LORDELLO, et. al, 2011).

No que diz respeito à atratividade, algumas teorias dentro da PE argumentam que algumas características favoreciam indivíduos no processo de seleção sexual, pois indicariam bons genes para a reprodução, culminando no sucesso reprodutivo desses. (MAFRA; CASTRO; LOPES, 2018). No tocante as mulheres, o indicativo de bons genes está relacionado a atratividade física, que indicariam a saúde e qualidade dos genes (MAFRA; CASTRO; LOPES, 2018).

Já nos homens, características ligadas a obtenção de recursos e proteção estariam associadas a atratividade masculina, tendo em vista que esse quesito está diretamente relacionado a capacidade de investimento na prole que esse homem pode oferecer (MAFRA; CASTRO; LOPES, 2018). Quanto maior valor o indivíduo atribui a características de si mesmo enquanto parceiro, maior também é a exigência em encontrar um par, influenciando diretamente na sua autopercepção.

Em virtude disso, a autopercepção se torna um fator de forte escolha e atratividade e podem estar afetadas por fatores ambientais, a exemplo do nível socioeconômico também se relacionam com a atratividade de homens e mulheres (MAFRA; CASTRO; LOPES, 2018). Um estudo realizado com estudantes universitários comprovou que homens que possuem um nível socioeconômico elevado, atribuíram grande valor de atratividade masculina (MAFRA; CASTRO; LOPES, 2018), demonstrando que a capacidade de prover recursos e status social se relacionam com a atratividade e autopercepção dos

homens durante o processo de escolha do parceiro romântico (MAFRA; CASTRO; LOPES, 2018).

Outro estudo de aplicação de uma escala denominada de “Escala do amor” forneceu alguns dados interessantes acerca da atratividade e de alguns comportamentos reprodutivos (FRANÇA; NATIVIDADE; LOPES, 2016). Os dados apontam que níveis elevados de amor romântico dentro de um relacionamento amoroso estão diretamente relacionados a um maior nível de satisfação sexual, sendo esta derivada do desejo, que tem como um de seus motores impulsionadores principais a luxúria, que aparece como um mecanismo que pode ter evoluído, devido a sua direta relação com o desejo sexual, que motiva o comportamento sexual e a reprodução (FRANÇA; NATIVIDADE; LOPES, 2016).

Considerando que durante a evolução, a espécie humana não esboça sinais explícitos desse processo, a luxúria seria um mecanismo que favorece a união sexual, estando diretamente relacionada com o amor romântico, bem como o comprometimento que fornece uma maior união emocional (FRANÇA; NATIVIDADE; LOPES, 2016). Além disso, o estudo também demonstrou que casais com um baixo vínculo sentimental tem mais propensões em se separar-se (FRANÇA; NATIVIDADE; LOPES, 2016).

Outro estudo foi realizado aplicando o “questionário de concepções de infidelidade” com o objetivo de coletar informações acerca da infidelidade, no qual demonstrou que a traição sexual continuada é recriminada pelos sexos, independentemente da orientação sexual (VIEGAS; MOREIRA, 2013). Esse resultado coloca em investigação alguns paradigmas em psicologia evolucionista, relacionadas à homossexualidade e à bissexualidade feminina, que já foram tratadas como menos recriminadas pelos homens, visto que não configuram uma ameaça reprodutiva para eles (VIEGAS; MOREIRA, 2013). Além disso, o investimento afetivo e as relações sexuais não diferem na penalização realizada por homens e mulheres (VIEGAS; MOREIRA, 2013).

Outro estudo relacionado à infidelidade procurou investigar a influência dessa na atratividade facial de homens e mulheres. O estudo incluiu a participação de 269 pessoas, em duas etapas, sendo 60 pessoas na primeira e 209 na segunda. A método de coleta de dados consistia em apresentar algumas fotografias de pessoas com expressão facial neutra, acompanhados de uma

história neutra relacionada a trabalho, hobbies e outras coisas e outra parte das fotos continham uma história de infidelidade. Os resultados apresentaram que as mulheres tendem a ter menos atratividade facial com homens que possuem histórico de infidelidade (TOKUMARU, et.al, 2010).

A orientação sexual e o comportamento sexual homossexual, apresentaram alguns mistérios para as teorias evolucionistas, visto que não produzem um sucesso reprodutivo direto através da cópula entre os sujeitos (CEZAR et.al, 2022). Porém, algumas hipóteses foram lançadas relacionadas ao assunto que apontam para um passado ancestral, no qual o comportamento sexual era indiscriminado para o aumento do sucesso reprodutivo de parentes (seleção de parentesco), diminuição da competitividade entre indivíduos do mesmo sexo e o fortalecimento de relações sociais (CEZAR, et.al, 2022).

No tocante a orientação sexual, a psicologia evolucionista hipotetiza que não existe uma única explicação, o direcionamento do desejo sexual, tendo em vista que num passado evolutivo às relações sexuais, seriam oriundas de uma plasticidade sexual, na qual resultaram na seleção de comportamentos sexuais homo e heterossexuais (MENEZES; BRITO; LOUREIO, 2010). Alguns argumentos que sustentam essa hipótese estão sustentadas no fato das variadas formas de estimulação sexual, culminando em pelo menos 7 variações de orientação sexual, sendo essas: (1) Exclusivamente heterossexual; (2) Predominantemente heterossexual com episódios raros de homossexualidade; (3) Predominantemente heterossexual com múltiplos episódios de homossexualidade; (4) Tanto heterossexual, quanto homossexual; (5) Predominantemente homossexual com múltiplos episódios de heterossexualidade; (6) Predominantemente homossexual com episódios raros de heterossexualidade; (7) Exclusivamente homossexual (MENEZES; BRITO; LOUREIO, 2010).

Sendo assim, os conceitos de gênero e sexo respectivamente, dentro da psicologia evolucionista, recebem significados diferentes, enquanto o primeiro se relaciona com padrões comportamentais atribuídos ao masculino e ao feminino, que envolvem construtos relacionados a agressividade, comportamento parental, constituição e atividade cerebral, maior probabilidade para a execução de determinadas tarefas, etc. (MENEZES; BRITO; LOUREIO, 2010), o segundo

se relaciona com características morfofisiológicas de homens e mulheres (MENEZES; BRITO; LOUREIO, 2010).

A diferenciação sexual oriunda das pressões evolutivas enfrentadas pelos sexos, que fizeram esses resolverem problemas distintos, tornariam a execução de alguns comportamentos e predisposições, mas não anularia a ocorrência de outras ações que destoassem disso (MENEZES; BRITO; LOUREIO, 2010). Sendo assim, homens podem ter características de gênero atribuídas as mulheres e vice-versa (MENEZES; BRITO; LOUREIO, 2010).

Ao revisar os trabalhos da Categoria de Comportamento humano relacionados a abordagem evolucionista, foram organizados 5 textos que se relacionavam com a definição de comportamento, tendo em vista que a PE investiga os princípios gerais do comportamento que são típicos da espécie humana, presentes no comportamento operante, não apenas restrito a aprendizagem, mas através de um repertório ontogenético e filogenético, superando o paradoxo de inato e aprendido (SAMPAIO; OTTONI; BENVENUTI, 2015). Com isso, os trabalhos que continham relação entre a PE e a análise do comportamento, aspectos de comportamento grupal, individual e cultural, foram selecionados para esse eixo.

As pesquisas que relacionam a análise do comportamento com a psicologia evolucionista apontam para a relação entre o behaviorismo radical de Skinner e sua proposta S-R, argumentando que as consequências que impactarem em aspectos filogenéticos e ontogenéticos do comportamento, tendem a ser repetidas e reforçadas (SAMPAIO; OTTONI; BENVENUTI, 2015). Um conceito apresentado pela interface dessas duas abordagens é o de Contingências Comportamentais Entrelaçadas (CCE's), que apontam para a seleção de comportamentos coletivos e individuais que podem explicar o processo de aprendizagem cultural, tendo em vista que as respostas de um indivíduo podem aliciar ou consequenciar respostas de outros indivíduos, processo denominado de metacontingência (SAMPAIO; OTTONI; BENVENUTI, 2015).

Com isso, as CCE's explicam como os comportamentos culturais e sociais ocorrem, visto que as que se repetem tendem a se tornar mais recorrentes entre os indivíduos, explicando assim a seleção de comportamentos sociais e culturais. Os teóricos evolucionistas também realizaram alguns estudos

em animais não-humanos, que apontam para a hipótese de que, alguns padrões de aprendizagem relacionados a aprendizagem humana, modelos S, S-S e S-R, denotavam uma universalidade, estando presentes em várias espécies, abrindo a possibilidade de existência de estruturas cerebrais e cognitivas internas adaptadas, oriundas de um passado evolutivo (SAMPAIO; OTTONI; BENVENUTI; 2015).

Foi nessa direção que as teorias psicológicas evolucionistas também se embasaram para explicar o comportamento religioso, não o limitando a um fenômeno apenas externo ao indivíduo direcionados pela cultura, mas indicando que existem também bases biológicas para sua manifestação (BORTOLINI; YAMAMOTO, 2013). Devido a universalidade do comportamento religioso, que pode ser definido como a crença em um super-humano ou ser sobrenatural superior, direcionando ritos e manifestações individuais ou coletivas, através de um sistema de crenças, presentes em todas as culturas humanas estudadas (BORTOLINI; YAMAMOTO, 2013).

Sendo assim, algumas hipóteses apontam para o comportamento religioso ser produto de CCE's, que foram adaptados pela espécie humana por possibilitar a cooperação intragrupo de muitos indivíduos (BORTOLINI; YAMAMOTO, 2013). Para a hipótese não adaptacionista, existe o argumento de que a religiosidade seria um subproduto de outras capacidades cognitivas da espécie humana, a exemplo do DHDA (Dispositivo Hiperativo de detecção de Agentes) que evoluiu com o objetivo de detectar ameaças de pregação no ambiente, no qual a tendência de pressupor e imaginar situações acerca de barulhos que indicassem alguma coisa, que poderia nem ser nada, teria sido fundamental para a evolução da capacidade animista (BORTOLINI; YAMAMOTO, 2013).

A cooperação, além de sustentar uma das hipóteses acerca das explicações para a religiosidade, é sustentada através de hipóteses que explicam o valor seletivo dela, no ambiente de adaptação evolutivo (AAE), tendo em vista que superficialmente ela parece desvantajosa, devido ao investimento de energia em outro(s) indivíduo(s), trazendo mais custos que benefícios, além de estar ao oposto da dinâmica natural de competição (ALENCAR, 2010). Porém, algumas evidências indicam que a cooperação se relaciona com a seleção de parentesco, a resolução de conflitos, reputação grupal, altruísmo

recíproco e a possibilidade de coletar benefícios futuros, explicando assim o porquê esse comportamento é mantido (ALENCAR, 2010).

Ao investigar o fenômeno de cooperação grupal, alguns estudos indicaram alguns fatores que favorecem o reconhecimento de indivíduos que pertencem ao mesmo grupo e beneficiá-los, procedimento denominado de *favoritismo ingroup* (SHIRAMIZU; YAMAMOTO, 2017). O fenômeno *ingroup* pode ser oriundo de mecanismos de reconhecimento de parentesco, favorecendo assim a cooperação e o altruísmo de membros do mesmo grupo, a indiferença com indivíduos de outros grupos *outgroup*, que explica alguns conflitos grupais, como o etnocentrismo (SHIRAMIZU; YAMAMOTO, 2017).

O conflito entre grupos e a violência coletiva é apontado pela abordagem evolucionista como constituinte do repertório comportamental da espécie humana, possuindo bases filogenéticas para sua manifestação, além de ser um fenômeno observado em todas as culturas (GONÇALVES, 2010). Foi nesse sentido que o mecanismo cognitivo “Nós vs Eles” age, aumentando a cooperação e a supervalorização do grupo aliado, inserindo e aguçando o conflito e a violência em grupos competidores (SHIRAMIZU; YAMAMOTO, 2017).

Tratando-se de desenvolvimento humano, a PE conta com 7 trabalhos publicados relacionados a temática, nos quais os critérios para o agrupamento nessa categoria foram trabalhos que estivessem relacionados com explicações diversas, que envolvessem o ciclo vital, características inerentes às faixas etárias (infantil, jovens, adultos e idosos) e alguns comportamentos típicos de fases vitais do desenvolvimento.

A PE entende o desenvolvimento humano como relacionado à características filogenéticas, ou seja, mecanismos importantes que possuem suas origens num passado ancestral; ontogenéticas que se relacionam a história de vida do sujeito; e culturais, que se relacionam com o ambiente de costumes e valores no qual o indivíduo está inserido, apontando assim, uma relação entre genética e ambiente no desenvolvimento dos seres humanos (MARTINS; VIEIRA, 2010).

A espécie humana possui uma característica que a distingue de algumas outras espécies, que é a do crescimento desacelerado da sua prole e repercussão de características infantis na idade adulta, o que foi denominado de

espécie neotênica (LORDELO; BICHARA, 2009). A neotania, e a imaturidade humana seriam mecanismos adaptativos que auxiliariam a criança no processo de adaptação às variáveis do modo de vida caçador-coletor, explicando através da linha evolutiva dos hominídeos, como algo que aumenta a fase de desenvolvimento infantil nas gerações futuras da espécie humana (LORDELO, BICHARA, 2009).

Na infância ontogenética dos caçadores coletores, não existia uma clara delimitação das fases do desenvolvimento em faixas etárias específicas de brincar, trabalhar e etc. (LORDELO; BICHARA, 2009). Porém, o brincar seria uma característica notória nas crianças humanas que tem relação com o período de crescimento do cérebro e cerebelo, no qual a estimulação de movimentos corporais e atividades se tornam cruciais para o desenvolvimento (LORDELO; BICHARA, 2009). Além disso, também é atribuída à brincadeira, o caractere da universalidade, visto que essa está presente em todas as culturas humanas (FIAES; BICHARA, 2009).

O brincar aparece como mecanismo de função adaptativa e não pode ser restrito a um treinamento para a fase adulta, visto que essas ferramentas servem para adaptar a criança no marco temporal presente de vivência da infância e não para um futuro, desaparecendo após esse período (MARQUES; BICHARA, 2011). A exploração ambiental antecede a brincadeira, fornecendo informações acerca do ambiente nos primeiros meses de vida da criança e vai se refinando com o avançar dos anos, saindo do egocentrismo e promovendo trocas e laços sociais, apesar da grande diversidade, envolvendo o brincar relacionado às diferenças culturais e de gênero, esse aparece como uma estabilidade em diferentes civilizações (MARQUES; BICHARA, 2011).

Com isso, os trabalhos relacionados ao desenvolvimento infantil apontam para aspectos relacionados ao cuidado parental e aos modelos de apego, que se relacionam com as posteriores fases da puberdade e da vida reprodutiva, nos quais os produtos disso podem repercutir na próxima geração (LORDELO, et. al, 2010). Estudos apontam para a relação entre menarca precoce e menarca tardia, diretamente proporcional ao investimento parental do pai, no qual onde há mais investimento paterno, mais tardia é a menarca (LORDELO, et. al, 2010).

No tocante à juventude, os estudos apontam que é durante essa fase que os indivíduos constroem projetos e traçam metas para se desenvolverem no

futuro (RAMOS; SEIDL-DE-MOURA; PÊSSOA, 2013). Essa capacidade estaria relacionada ao sucesso da espécie em fazer sacrifícios no presente, direcionando energia para determinadas atividades, vislumbrando a coleta desses benefícios no futuro, sendo esse aspecto mais comum em homens que precisavam adquirir recursos para conseguir se reproduzir com as fêmeas, que configuraria numa herança distal do que é chamado pelos psicólogos evolucionista de “desconto futuro” (RAMOS; SEIDL-DE-MORA; PÊSSOA, 2013).

Tomando por base a categoria de estudos relacionados a Cognição, que inclui quatro artigos relacionados a essa temática, observa-se que o foco das produções se debruçam para o entendimento cognitivo da mente, de mecanismos cerebrais e sua arquitetura, levando em consideração o passado filogenético desses mecanismos e suas principais alterações e adaptações, as ciências cognitivas tem apresentado importantes contribuições para a explicação da cognição humana, através da metáfora computacional que possibilita entender como a seleção natural agiu sobre o cérebro, suas funções e na mente humana (MOURA, 2005).

Tendo em vista que uma das hipóteses da PE é de que a cognição humana evoluiu a partir da resolução de problemas específicos enfrentados pelos ancestrais humanos, que tinham como principal função assegurar a sobrevivência e aumentar o sucesso reprodutivo da espécie, de modo que seus genes fossem passados para as gerações futuras (VASCONCELLOS et. al, 2009). A cognição social é um exemplo de mecanismo selecionado que atua na autopercepção do sujeito, nos julgamentos morais, etc. e envolvem alguns estruturas cerebrais como córtex pré-frontal e ventriomedial relacionado ao raciocínio e a decisões; amígdala no reconhecimento fácil e emocional; ínsula, resposta autonômica; córtex somatossensorial direito, na capacidade de sentir e demonstrar empatia (VASCONCELLOS, et.al, 2009)

A psicologia evolucionista não reduz a cognição ao pensamento, mas a tudo que é mental, incluindo as emoções e o raciocínio, o entendimento acerca da emoções, por exemplo as definem como um vasto conjunto de programas adaptativos capazes de agirem mesmo sem a discriminação consciente, frente às ameaças ou outras situações ambientais (OLIVA et.al, 2006). O medo e o nojo são exemplos de emoções nas quais as principais funções adaptativas está

na preservação da sobrevivência dos indivíduos frente a situações de perigo (OLIVA, et. al, 2006).

Já para a categoria de psicopatologia, dois trabalhos abordam a relação entre os transtornos mentais e na perspectiva da psicologia evolucionista, um deles aponta para explicações evolucionistas do transtorno de personalidade antissocial, destacando alguns fatores que podem estar relacionados à genética. Porém, ainda existem muitas lacunas teóricas para o entendimento da filogênese desse transtorno (VASCONCELLOS; GAUER, 2004).

Outra produção de literatura relacionada aos transtornos psicológicos pelo viés da PE é acerca do transtorno depressivo, no qual há algumas hipóteses adaptativas e não adaptativas (VASCONCELLOS; GAUER, 2004). A hipótese adaptacionista vincula a adaptação da depressão à aceitação da derrota posterior a conflitos, configurando-se em uma forma de inibir conflitos posteriores, ou uma forma de obrigar indivíduos próximos a investir afetivamente neles, um exemplo disso é a depressão pós-parto e induzem o investimento paterno através disso (VASCONCELLOS; GAUER, 2004).

A categoria de interface entre a psicologia evolucionista e a abordagem psicanalítica possui um trabalho, que relaciona a obra de Freud e Darwin, um dos artigos atribui uma relação entre os escritos da histeria e a obra de Darwin, acerca da expressão das emoções nos homens e nos animais (FERRETI, LOFREDO, 2013).

No tocante a categoria da psicologia evolucionista e outras relações, destacam-se três trabalhos, sendo um artigo que faz um percurso histórico do desenvolvimento da abordagem no Brasil (YAMAMOTO; MOURA, 2010), outro que apresenta a perspectiva evolucionista, apresentando-a dentro de uma perspectiva psicológica (LOPES; VASCONCELLOS, 2008) e o terceiro apresentando aspectos filogenéticos relacionados ao modo de fazer cultura dos seres humanos (LORDELLO, 2009).

Diante disso, observa-se que a maior ênfase dos trabalhos de psicologia evolucionista está concentrada nas categorias de sexualidade que conta com doze trabalhos ao total, em seguida com a categoria de desenvolvimento que possui oito; comportamento com cinco; cognição, quatro; psicologia evolucionista e outras relações, três; psicopatologia, dois e psicanálise, um;

totalizando trinta e cinco trabalhos revisados na plataforma Scielo Brasil, com o descritos “psicologia evolucionista”.

No tocante as revistas de publicação dos trabalhos, observou-se uma variedade de doze revistas. Os veículos foram: a Revista de Psicologia da Universidade Federal de São Paulo (USP); Estudos em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal); Estudos em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (UNICAMP); Psicologia Teoria e Pesquisa; Psicologia em estudo; Psicologia reflexão e crítica da Universidade Federal do Rio grande do Sul; Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ); Paidéia da USP de Ribeirão Preto, Horizontes Antropológicos; e a Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul.

Os estudos de psicologia da Universidade Federal de Natal, destaca-se com a maior quantidade de trabalhos da Scielo Brasil, com um total de dezesseis trabalhos; seguida pela Revista de Psicologia da Universidade Paulista (USP) que possui quatro trabalhos; a Estudos em Psicologia da PUC de Campinas possui dois trabalhos no biênio de 2010-2012, já a revista Psicologia, Teoria e Pesquisa da Universidade de Brasília (UNB) é a segunda revista com mais trabalhos, contendo seis publicações entre os anos de 2005 e 2010. As revistas Trends in Psychology e Paidéia respectivamente, aparecem com três publicações cada, entre os anos de 2004 e 2019. Sendo que, os veículos de comunicação Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia Clínica, Revista Brasileira de Ciências Sociais, Horizontes Antropológicos, Psico USF, Psicologia e reflexão crítica, Psicologia em Estudo, Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, são as revistas com menos quantidade de publicações da PE, aparecendo apenas com um trabalho cada uma, entre os anos de 1997 e 2013.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, observa-se que mesmo após quase dois séculos desde que primeira obra de psicologia evolucionista, escrita por Charles Darwin, várias lacunas e paradoxos ainda deixam latentes a necessidade de compreender aspectos intrínsecos à psicologia humana, levando em consideração seus aspectos filogenéticos e ontogéticos. Durante grande parte do percurso histórico de diversas áreas do conhecimento a restrição a biologia ou ao ambiente como determinantes dos comportamentos humanos, ofereceram hipóteses e teorias que ofereceram muitas contribuições e demonstram um maior potencial de compreensão de fenômenos que se parecem opostos, quando abordadas de maneira interdisciplinar, a exemplo na análise do comportamento e da psicanálise como a abordagem evolucionista.

A abordagem da psicologia evolucionista tem se desenvolvido e produzido conhecimentos significativos relacionados a filogênese de aspectos ligados a sexualidade, cognição, linguagem, desenvolvimento e comportamento humano e etc. Retomando a investigação de causas distais do ambiente ancestral no qual a cognição humana e alguns comportamentos evoluíram e se tornaram adaptados, possibilitando a reprodução da espécie e das gerações posteriores.

Na produção brasileira, a literatura demonstra muitos potenciais de pesquisa e crescimento devido as suas contribuições em diversas áreas, como a de sexualidade humana que aparece como a categoria que mais tem trabalhos publicados e pesquisas desenvolvidas. Seguida das categorias de desenvolvimento humano, principalmente no tocante ao público infantil; Comportamento, englobando comportamentos sociais e culturais, bem como uma leitura evolucionista que leva em consideração alguns aspectos postulados pela AEC.

O eixo relacionado à cognição se mostra um leque promissor de desenvolvimento da perspectiva evolucionista a partir da analogia filogenética aos sistemas computacionais existentes, para a explicação de como os sistemas complexos cognitivos se desenvolveram, incluindo aspectos funcionais de diversas áreas do cérebro humano e da mente. A relação com a psicanálise e

com as psicopatologias ainda demonstram estudos muito iniciais, possuindo um pouquíssimo número de trabalhos e estudos realizados no Brasil, tornando essas disciplinas um significativo potencial de abertura para análises mais aprofundadas e interdisciplinares.

Em suma, destaca-se a PE como uma abordagem promissora devido ao seu caráter de abertura e possibilidades, principalmente no tocante a interdisciplinaridade, tendo em vista a possibilidade de junção de conhecimentos de diversas áreas, a exemplos das ciências biológicas e das ciências humanas. Através da complementariedade entre suas lacunas, que torna possível a superação da dicotomia entre indivíduo e ambiente, biológico e social, apontando para a interpelação dessas variáveis durante o processo adaptativo da espécie.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Ulysses. **Bases ecológicas e evolutivas do comportamento humano**. Recife: Nupeea: Bauru, 2022. *E-book*

ALENCAR, Anuska. Boas e más razões para cooperar do ponto de vista de crianças: uma análise evolucionista. **Estudos de psicologia**, Natal, v. 15, n.01, p. 89-96, Abril de 2010.

BANDEIRA, Tatiane; MOURA, Maria; VIEIRA, Mauro. Metas de socialização de pais e mães para seus filhos. **Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano**, v.19, n.03, p.445-456, Rio de Janeiro, 2009.

BARKOW, J; COSMIDES, L; TOOBY; J. **The Adapted Mind: Evolutionary psychology and the generation of culture**. New York: Oxford University Press, 1992.

BERWICK, Robert C; CHOMSKY, Noam. **Por que apenas nós? Linguagem e evolução**. Unesp: São Paulo, 2017.

BLOOM, Paul. **Language Acquisition: Core Readings**. Massachusetts: MIT Press, 1994.

BOCK, Ana; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria. **Psicologias: Uma introdução ao estudo de psicologia**. 13.ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

BORTOLINI, Tiago; YAMAMOTO, Maria. Surgimento e manutenção do comportamento religioso: contribuições da teoria evolucionista. **Estudos de psicologia**, Natal, v. 18, n.2, p. 223-229, junho de 2013.

BUSS, David. Psychological sex differences: Origins through sexual selection. **American Psychologist**, v. 50, n. 03, p. 164-171, April of 1995.

BUSS, David; MALAMUTH, N. **Sex, Power, Conflict: Evolutionary and Feminist Perspectives**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

CEZAR, Leonardo. Interações sexuais entre indivíduos do mesmo sexo: um olhar evolucionista. **Psicologia USP**, v. 33, n. 1, 2022.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the theory of syntax**. MIT Press, 1965.

COSMIDES, L; TOOBY, J; **From evolution to behavior: Evolutionary psychology as the missing link**. EUA: APA, 1987.

COSMIDES, Leda. Invariances in the acoustic expression. of emotion during speech. **Journal of Experimental Psychology**, Nashville, n.9, n. 9, p. 864-881, 1983.

DARWIN, Charles. **The expression of the emotions in man and animals**. New York and London: Popular uniform edition, 1915.

DARWIN, Charles. **The origin of species**. 6. ed. P.F. Collier: New York, 1872.

DUNBAR, Robin. **Demography and Reproduction. In Primate Societies**. Chicago & London: University of Chicago Press, 1987.

DUNBAR, Robin. **Reproductive Decisions: An Economic Analysis of Gelada Baboon Social Strategies**. Princenton University Press, 1984.

FERRETI, Marcelo, LOFFREDO; Ana. A temática darwiniana em Freud: um exame das referências a Darwin na obra freudiana. **Psicologia clínica**, v. 25, n. 02, p. 109-130, junho de 2013.

FIAES, Carla, BICHARA, Ilka. Brincadeiras de faz-de-conta em crianças autistas: limites e possibilidades numa perspectiva evolucionista. **Estudos de psicologia**, Natal, v. 14, n. 03, p. 231-238, dezembro de 2009.

FRANÇA, Priscila; NATIVIDADE, Jean; LOPES, Fívia. Evidências de validade da versão brasileira da escala do amor do Marriage and relationships. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 21, n. 2, Agosto de 2016.

GONÇALVES, Diego. Violência e identificação de raça como consequência de categorização de grupo. **Estudos de psicologia**, v.15, n.01, p. 97-102, Abril de 2010.

HARARI, Yuval. **Sapiens: Uma breve história da humanidade**.

LOPES, Rafael; VASCONCELLOS, Sílvia. Implicações da teoria da evolução para a psicologia: a perspectiva da psicologia evolucionista. **Estudos em psicologia**, Campinas, v. 25, n. 1, p.123-130, março de 2008.

LORDELLO, Eulina, BICHARA, Ilka. Revisitando as funções da imaturidade: uma reflexão sobre a relevância do conceito na Educação Infantil. **Psicologia USP**, v. 20, n. 03, p. 337-354, Setembro de 2009.

LORDELLO, Eulina. et. al. Investimento Parental e desenvolvimento da criança. **Estudos de psicologia**, Natal, v. 11, n. 03, p. 257-264, dezembro de 2006.

LORDELLO; Eulina. et. al. Ambiente de desenvolvimento e início da vida reprodutiva em mulheres brasileiras. **Psicologia: reflexão e crítica**, Salvador, v.24, n.01, 2011.

LORENZ, Konrad. **Os fundamentos da Etologia**. Tradução de Pedro Mello Cruz e Carlos C. Alberts, São Paulo: Editora da Unesp, 1995

MAFRA, Anthonieta; CASTRO, Nalon; LOPES, Flavia. Nível socioeconômico e autopercepção como parceiro romântico no ambiente universitário. **Trends in psychology**, v. 26, n. 04, p. 2147- 2156, Outubro de 2018.

MARQUES, Reginalice; BICHARA, Ilka. Em cada lugar um brincar: reflexão evolucionista sobre universalidade e diversidade. **Estudos de psicologia**, Campinas, v. 28, n. 03, p. 381-388, setembro de 2011.

MARTIN, Daly; WILSON, Margot. **Sex, Evolution and behavior**. Brooks cole: EUA, 1978.

MARTINS, Gabriela; VIEIRA, Luís. Desenvolvimento humano e cultura: integração entre filogênese, ontogênese, e contexto sociocultural. **Estudos de psicologia**, Natal, v.15, n. 01, p. 63-70, abril de 2010.

MENEZES, Aline; BRITO, Regina; LOUREIRO, Henriques. Relação entre gênero e orientação sexual a partir da perspectiva evolucionista. **Psicologia: Teoria e pesquisa**, v.26, n.02, p. 245-252, Junho de 2010.

MOURA, Maria. Dentro e fora da caixa preta: A mente sob um olhar evolucionista. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 21, n. 02, p. 141-147, Agosto de 2005.

OLIVA, Ângela. et. al. Razão, emoção e ação em cena: a mente sob um olhar evolucionista. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 22, n. 01, p. 53-61, Abril de 2006.

PINKER, Steven. **The language instinct**. W. morrow and Co, 1994.

POLIPPO, Pablo; FERREIRA, Vinícius; WAGNER, Marcia. Produção científica brasileira sobre psicologia evolucionista. **Gerais: revista interinstitucional de psicologia**, Juiz de Fora, v.09, n.02, p. 277-289, dezembro de 2016.

RAMOS, Dandara; SENDL-DE-MOURA, Maria; PÊSSOA, Luciana. Jovens e metas para o futuro: uma revisão crítica de literatura. **Estudos de psicologia**, v. 18, n. 03, p. 467-475, Setembro de 2013.

SAMPAIO, Ângelo; OTTONI, Eduardo; BENVENUTI, Marcelo. A análise do comportamento no contexto do estudo evolucionista do comportamento social e da cultura. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.20, n.03, p. 127-138, Setembro de 2015.

SHIRAMIZU, Vitor; LOPES, Fívia. A perspectiva evolucionista sobre relações românticas. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 24, n.01, p.55-76, Abril de 2013.

SHIRAMIZU, Vitor; YAMAMOTO, Maria. “In vs Out” Revisando o viés de grupo através da perspectiva biológica. **Trends in psychology**, v. 25, n.03, p. 1427-1439, Setembro de 2017.

SKINNER. B.F. Sobre o behaviorismo. Cultrix, São Paulo, 1974

SOARES, Alisson. O que são sociobiologia humana e psicologia evolucionista?. **Revista Helius**, Sobral, v.03, n.02, p. 291-325, dezembro de 2020.

SYMONS, Donald. **The Evolution of human sexuality**. Oxford University press: New York, 1979.

TOKUMARU, Rosana. et.al. O efeito da atratividade facial de homens e mulheres. **Estudos de psicologia**, v.15, n.01, p. 103-110, Abril de 2010.

TOKUMARU, Rosana; YAMAMOTO; OTTA, Maria. **Investimento Parental e Maus Tratos de Crianças**. Guanabara Koogan: Rio de Janeiro, 2009.

TRIVERS. R.L. The Evolution of reciprocal altruism. the university of Chicago press. v. 16, n. 01, p. 35-57, Março de 1971

VASCONCELLOS, Sílvia. et. al. A psicologia evolucionista e os domínios da cognição social. **Psicologia: Teoria e pesquisa**, Rio grande do sul, v. 25, n. 03, p. 435-439, Setembro de 2009.

VASCONCELLOS, Sílvia; GAUER, Gabriel. A abordagem evolucionista do transtorno de personalidade antissocial. **Revista de psiquiatria do rio grande do sul**, v. 26, n. 01, p. 75-85, Abril de 2004.

VASCONCELLOS, Sílvia; VASCONCELLOS, Cristiane. Uma análise das duas revoluções cognitivas. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 12, n. 02, p. 385-391, Agosto de 2007.

VIEGAS, Thaysa; MOREIRA, João. Julgamentos de infidelidade: um estudo exploratório dos seus determinantes. **Estudos de psicologia**, Natal, v.18, n.03, Setembro de 2013.

YAMAMOTO, Maria; MOURA, Maria. A psicologia evolucionista no Brasil. **Estudos de psicologia**, Natal, v. 15, n. 01, p. 53-54, 2010.

YAMAMOTO, Maria; MOURA, Maria. A psicologia evolucionista no Brasil. **Estudos de psicologia**, Natal, v. 15, n. 01, p. 53-54, Abril de 2010.

YAMAMOTO, Maria; VALENTOVA, Jaroslava; (org.). **Manual de Psicologia evolucionista**. Edufrn: Natal, 2018.



TERMO DE RESPONSABILIDADE

RESERVADO AO REVISOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

Anexar documento comprobatório da habilidade com a língua, exceto quando revisado pelo orientador.

Eu, Catiane dos Reis Santos, declaro inteira responsabilidade pela revisão da Língua Portuguesa referente ao Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia), intitulado: **Psicologia Evolucionista: Apresentando sua arte e potencialidades no fazer da psicologia** a ser entregue por TAUANE ANDRADE DE SANTANA, acadêmicos (as) do curso de Psicologia.

Em testemunho da verdade, assino a presente declaração, ciente da minha responsabilidade no que se refere à revisão do texto escrito no trabalho.

Paripiranga, 04 de dezembro de 2022.

Assinatura do revisor

República Federativa do Brasil
Ministério da Educação



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

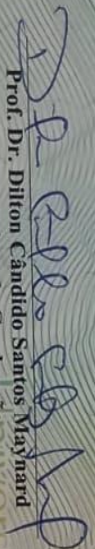


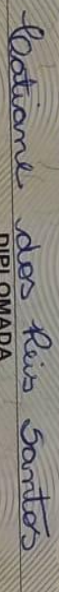
O Reitor da Universidade Federal de Sergipe, no uso de suas atribuições
e tendo em vista a conclusão do Curso de **Letras, Língua Portuguesa** em 03 de dezembro de 2016,
conferir o título de **Licenciada** a

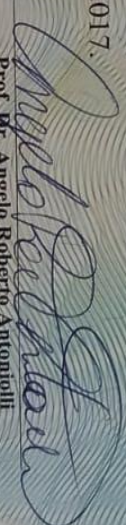
Catiane dos Reis Santos

natural do Estado de Sergipe, nascida em 10 de janeiro de 1981, filha de Loami do Nascimento Santos e de Veraci dos
Reis Santos, e outorga-lhe o presente diploma para que possa gozar de todos os direitos e prerrogativas legais.

São Cristóvão/SE, 11 de janeiro de 2017.


Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard
Pró-Reitor de Graduação


Catiane dos Reis Santos
DIPLOMADA
CPF: 777.362.225-68


Prof. Dr. Angelo Roberto Antonelli
Reitor

Curso: Letras, Língua Portuguesa - LICENCIATURA
PLENA.

Autorização: Portaria 1369/2010, 07/12/2010, DOU:
08/12/2010.

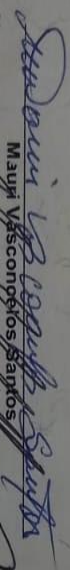
Reconhecimento: Portaria 73/2015, 29/01/2015, DOU:
30/01/2015.

Renovação do Reconhecimento: Portaria nº 73/2015,
29/01/2015, DOU:30/01/2015.

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO ACADÊMICA**

Diploma registrado sob n.º 2.206,
livro 101, folha 551, em 11/01/2017,
processo n.º 23113.026514/2016-99.

Divisão de Registro, Documentação e Arquivo, 11/01/2017.


MAURÍCIO VASCONCELOS SANTOS

Chefe da Divisão de Registro, Documentação e Arquivo

Antônio Edilson do Nascimento

Diretor do Departamento de Administração Acadêmica



TERMO DE RESPONSABILIDADE

RESERVADO AO TRADUTOR DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: INGLÊS,
ESPAÑHOL OU FRANCÊS.

Anexar documento comprobatório da habilidade do tradutor, oriundo de IES ou
instituto de línguas.

Eu, Lucas Nauan da Silva Andrade, declaro inteira responsabilidade pela tradução
do Resumo (Abstract/Resumen/Résumé) referente ao Trabalho de Conclusão de
Curso (Monografia), intitulada: **PSICOLOGIA EVOLUCIONISTA:
APRESENTANDO SUA ARTE E POTENCIALIDADES NO FAZER DA
PSICOLOGIA**, a ser entregue por **Tauane Andrade de Santana**, acadêmico(a)
do curso de **Psicologia**.

Em testemunho da verdade, assino a presente declaração, ciente da minha
responsabilidade pelo zelo do trabalho no que se refere à tradução para a língua
estrangeira.

Paripiranga, 29 de Novembro de 2022.

Assinatura do tradutor

Certificado

Certificamos que

LUCAS NAUAN DA SILVA ANDRADE

concluiu com sucesso o curso de inglês LINGUISTIC na

Wizard **Lagarto**

com carga horária total de 140 horas, tendo demonstrado conhecimento satisfatório e proficiência satisfatória.

Lagarto, 12 de Janeiro de 2018.



Gustavo Jorge
Diretor de Marca



Diego Sette
Gerente Pedagógico



LISTENING AND READING OFFICIAL INSTITUTIONAL SCORE REPORT

KNOW ENGLISH.
KNOW SUCCESS.

KNOW ENGLISH.
KNOW SUCCESS.

KNOW ENGLISH.
KNOW SUCCESS.

KNOW ENGLISH.
KNOW SUCCESS.

KNOW ENGLISH.
KNOW SUCCESS.

KNOW ENGLISH.
KNOW SUCCESS.

Andrade Lucas

Name

03765029599

Identification
Number

1994/03/09

Date of Birth
(yyyy/mm/dd)

2018/12/21

Test Date
(yyyy/mm/dd)

2020/12/21

Valid Until
(yyyy/mm/dd)

LISTENING

Your score

455

5 495

READING

Your score

415

5 495

TOTAL
SCORE

870

Client/Institution Name: Wizard

MASTERTEST, Rua James Watt, 142 - 11º andar, Brooklin Novo, São Paulo, São Paulo, SP, Brazil, 04562-030



Copyright © 2013 by Educational Testing Service. All rights reserved. ETS, the ETS logos, and TOEIC are registered trademarks of Educational Testing Service.

FOR INTERNAL USE ONLY

Detach Here

LISTENING

Your scaled score is between 400 and 495. Test takers who score around 400 typically have the following strengths:

- They can infer the central idea, purpose, and basic context of short spoken exchanges across a broad range of vocabulary, even when conversational responses are indirect or not easy to predict.
- They can infer the central idea, purpose, and basic context of extended spoken texts across a broad range of vocabulary. They can do this even when the information is not supported by repetition or paraphrase and when it is necessary to connect information across the text.
- They can understand details in short spoken exchanges, even when negative constructions are present, when the language is syntactically complex, or when difficult vocabulary is used.
- They can understand details in extended spoken texts, even when it is necessary to connect information across the text and when this information is not supported by repetition. They can understand details when the information is paraphrased or when negative constructions are present.

To see weaknesses typical of test takers who score around 400, see the *Proficiency Description Table.

ABILITIES MEASURED

PERCENT CORRECT OF ABILITIES MEASURED

0% 100% Your Percentage

READING

Your scaled score is between 350 and 450. Test takers who score around 350 typically have the following strengths:

- They can infer the central idea and purpose of a written text, and they can make inferences about details.
- They can read for meaning. They can understand factual information, even when it is paraphrased.
- They can connect information across a small area within a text, even when the vocabulary and grammar of the text are difficult.
- They can understand medium-level vocabulary. They can sometimes understand difficult vocabulary in context, unusual meanings of common words, and idiomatic usage.
- They can understand rule-based grammatical structures. They can also understand difficult, complex, and uncommon grammatical constructions.

To see weaknesses typical of test takers who score around 350, see the *Proficiency Description Table. If your performance is closer to 450, you should review the descriptors for test takers who score around 450.

ABILITIES MEASURED

PERCENT CORRECT OF ABILITIES MEASURED

0% 100% Your Percentage

Can infer gist, purpose and basic context based on information that is explicitly stated in short spoken texts	95	0% 100%
Can infer gist, purpose and basic context based on information that is explicitly stated in extended spoken texts	88	0% 100%
Can understand details in short spoken texts	95	0% 100%
Can understand details in extended spoken texts	85	0% 100%

Can make inferences based on information in written texts	75	0% 100%
Can locate and understand specific information in written texts	80	0% 100%
Can connect information across multiple sentences in a single written text and across texts	72	0% 100%
Can understand vocabulary in written texts	100	0% 100%
Can understand grammar in written texts	96	0% 100%

* Proficiency Description Table can be found on our web site, www.ets.org/toEIC

HOW TO READ YOUR SCORE REPORT:

Percent Correct of Abilities Measured:

Percentage of items you answered correctly on this test form for each one of the Abilities Measured. Your performance on questions testing these abilities cannot be compared to the performance of test-takers who take other forms or to your own performance on other test forms.

Note: TOEIC scores more than two years old cannot be reported or validated.